OS GRANDES LÍDERES

CARLOS MAGNO



NOVA CULTURAL



OS GRANDES LÍDERES

CARLOS MAGNO

Susan Banfield



NOVA CULTURAL
1988



EDITOR
RICHARD CIVITA

NOVA CULTURAL

Presidente
Flávio Barros Pinto
Diretoria
Carmo Chagas, Iara Rodrigues,
Pierluigi Bracco, Plácido Nicoletto,
Roberto Silveira, Shozi Ikeda,
Sônia Carvalho

REDAÇÃO
Diretor: Carmo Chagas
Editores Executivos: Stefania Crema,
Berta Sztark Amar
Editor Chefe: Juan Carlos Chacón Frioni
Editores Assistentes: Sonia Duarte Bicudo,
José Benedito de Oliveira Damião
Chefe de Arte: José Roberto Jimenez Costa
Assistentes de Arte: Sandra de Lourdes Cañada,
Alvaro Felippe Júnior, Ciro Nishitani
Secretário de Redação: Antonio Maurício Rocha Lima
Colaboradores:
Tradutora: Lavínia Henderson Cotrim

COMERCIAL
Diretor: Roberto Silveira
Gerente Comercial: Joaquim Celestino da Silva
Gerente de Circulação: Denize Mozol
Gerente de Propaganda e Publicidade:
José Carlos Madio
Gerente de Pesquisa e Análise de Mercado:
Wagner M. P. Nabuco de Araújo



A Editora Nova Cultural Ltda.
é uma empresa do Grupo CLC —
Comunicações, Lazer, Cultura S.A.
Presidente: Richard Civita
Diretoria: Flávio Barros Pinto, João Gomez,
Menahen M. Politi,
Renê C.X. Santos, Stélio Alves Campos

©1986 by Chelsea House Publishers, a division
of Chelsea House Educational Communications, Inc.
©1988, Editora Nova Cultural Ltda.,
São Paulo, Brasil, para a língua portuguesa.

Fotos: Cortesia de AP/Wide World Photos, The Bettmann Archive,
The New York Public Library e Routledge & Kegan Paul Ltd.
Capa: Dürer (detalhe), Museu Nacional Alemão, Nuremberg
(primeiro plano), e Códice do século XIV (fundo).

Edição organizada pela Editora
Nova Cultural Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 3º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil.
(Artigo 15 da Lei 5 988, de 14/12/1973.)

Esta obra foi composta na AM Produções Gráficas Ltda.
e impressa e encadernada no Círculo do Livro S.A.

Índice

1. Seguindo os passos do pai 7
2. Um rei jovem e impetuoso 13
3. Castigo de Deus 21
4. Anos de conquista 29
5. O cotidiano na corte 43
6. Cultura e religião 51
7. Imperador de Roma 61
8. Morte do imperador, morte do império 69
Cronologia 85



1

Seguindo os passos do pai

Fazia muito frio naquela manhã de 754. O jovem príncipe chegara ao sopé dos Alpes, depois de muitos dias de viagem em que atravessara os vastos campos cobertos de gelo e as densas florestas do reino de seu pai. Mas o arrepio que sentia agora não era devido ao vento que o açoitava e sim à ansiedade. Hoje ele iria conhecer o papa!

Pela primeira vez na história, um papa deixava Roma e cruzava os Alpes. E a Carlos, filho de Pepino, o Breve, rei dos francos, fora confiada a missão de dar as boas-vindas ao pontífice e de ser seu guia na última etapa da viagem.

Os pequenos vultos que o jovem vislumbrava ao longe, na neve, se aproximavam lentamente. Um deles brilhava e faiscava como uma jóia. Carlos ouvira dizer que o papa se vestia com tecidos de ouro. Será que aquela figura deslumbrante era o papa? O príncipe ergueu os ombros e endireitou o corpo — com apenas 11 anos, podia aparentar ser homem adulto quando se esforçava para isso. E hoje, mais do que nunca, queria desempenhar o papel de um rei. Carlos orgulhava-se intensamente do pai, que se tornara célebre por seu governo capaz, justo e corajoso. O príncipe queria agora impressionar o papa Estêvão II para realçar a importância do reino dos francos. Nervoso, ajustou o broche de ouro que prendia seu pesado manto de pele.

Mas, à medida que os viajantes se aproximavam, os pensamentos de dignidade real abandonaram o menino, que foi dominado pelo fascínio exercido por aquela deslumbrante e temível figura. Raios de sol dançavam entre a veste dourada e a neve branca e brilhante. E o menino pensou: o que era um mero rei terreno quando comparado a este homem divino? Que similaridade poderia haver entre o chefe do reino de Deus na Terra e um simples monarca?

Carlos vivia na expectativa do tempo em que ele seria o rei, quando então teria sua oportunidade de servir



Acima: *O pai de Carlos, Pepino, o Breve, herdou o cargo de prefeito do palácio, ou seja, governante de fato dos francos. Como desejava o título de rei e não só o poder, Pepino tomou o trono franco em 751. Seu reinado durou dezessete anos.*

À esquerda: *Carlos Magno foi coroado num tradicional ritual franco, que exigia que o rei eleito fosse carregado por seus nobres sobre um escudo de madeira recoberta de couro. Este gesto simbolizava que o rei estava preparado para lutar por seu povo e, se necessário, morrer por ele.*

Carlos Magno praticava a equitação e a caça com entusiasmo, pois eram consideradas, pelos francos, artes valorosas, cultivadas por todos desde pequenos.

EGINARDO
falando sobre a infância de Carlos

ao povo com coragem e justiça como o pai fazia. Naquele dia, ali nos Alpes, um novo sonho nele se enraizou. Quando chegasse a sua vez, seria um rei que serviria a Deus e à Igreja acima de tudo.

Três séculos antes de Pepino se tornar rei dos francos, o Império Romano, que vinha há muito sofrendo ataques das tribos bárbaras, fora praticamente extinto. Quando do encontro do príncipe com o papa, nos Alpes, o único reino unificado na Europa era o dos francos, que havia sido estabelecido por um rei cristão, Clóvis, no século V.

Os descendentes de Clóvis portavam a coroa dos francos havia 240 anos. Esses monarcas, no entanto, a cada geração se tornavam mais incapazes de governar e, no início do século VIII, eram reis apenas no nome. Os homens que de fato exerciam o poder eram os "prefeitos do palácio", administradores que recebiam o cargo por hereditariedade. Eram eles que controlavam a economia do país e o exército; eles é que eram respeitados e obedecidos pelo povo. Finalmente, em 751, a Igreja resolveu apoiar oficialmente o prefeito do palácio. E o prefeito era Pepino, o pai de Carlos.

"É melhor", disse o papa Zacarias, "dar o nome de rei àquele que tem a sabedoria e o poder do que àquele que tem apenas o título de rei e não a autoridade." O papa fez com que o rei Childerico III, o último dos merovíngios, se retirasse para um mosteiro, e coroou Pepino como rei dos francos.

O chefe franco Carlos Martel derruba um invasor sarraceno na Batalha de Poitiers em 732. Conhecido como "O Martelo" por sua habilidade com esta mortífera arma de ferro, o avô de Carlos Magno queria manter intacta a cristandade européia, evitando que os sarracenos muçulmanos invadissem a parte sudoeste do continente.





Devendo sua coroação à graça de Deus, Pepino passou a encarar a defesa da Igreja como parte do seu dever. Mantinha com os papas um estreito relacionamento, e durante toda a sua vida escreveu a Roma e recebeu cartas de grande cordialidade. O papa Estêvão II, que sucedeu a Zacarias, era padrinho dos dois filhos de Pepino e regularmente enviava presentes aos meninos.

Carlos, o filho mais velho, herdeiro do trono franco, nascera no ano de 742. Desde a mais tenra idade, o jovem príncipe aprendera a amar intensamente a Igreja. Sua mãe, a rainha Bertrada, era uma mulher profundamente religiosa. E seu preceptor era o responsável por um dos maiores mosteiros da Europa. Assim, Carlos crescera cercado pelas atenções de seu santo padrinho e pelo alto conceito em que seu pai tinha o pontífice. Antes mesmo de lhe ser confiada a missão de receber o papa Estêvão, o príncipe já demonstrava a piedade, a dedicação e o respeito religioso que conservaria durante toda a vida.

Carlos também aprendera com o pai que apoiar a Igreja significava mais do que uma simples troca de cartas e presentes. Se necessário, o rei teria de arriscar a própria vida e a de seus súditos em defesa do papa e da Igreja. A lealdade de Pepino para com Estêvão já fora testada logo após a sua coroação. Agora, a visita do papa ao rei franco não era apenas uma demonstração de amizade: ele vinha pedir o auxílio de Pepino contra os lombardos, seus vizinhos ameaçadores.

Acima: *Childerico III desce do trono franco e reconhece a soberania de Pepino, o Breve (à esquerda, segurando a lança).*
Abaixo: *O papa Zacarias confirmou Pepino como rei no trono que este usurpara de Childerico III.*



A única coisa que restava ao rei era se contentar com o nome de rei (...) Não havia nada que pudesse considerar como propriamente seu, salvo este vão título de rei e o apoio precário dado pelo prefeito do palácio.

EGINARDO
historiador do século IX e amigo pessoal de Carlos Magno, escrevendo sobre a situação dos reis francos antes de Pepino, o Breve, assumir o trono



O império herdado por Carlos, o primogênito, e seu irmão Carlomano englobava a maior parte da França atual, a Bélgica e os Países Baixos, além de regiões que hoje fazem parte da Alemanha Ocidental e da Suíça.

Os lombardos, assim como os francos, eram um povo germânico. Anos atrás, haviam sido amigos e aliados. Mas os laços crescentes de amizade entre Pepino e a Igreja modificaram essa situação. Os reis lombardos mais recentes eram homens fortes e ambiciosos. Não satisfeitos com a região que ocupavam no norte da Itália, estabeleceram dois importantes ducados, mais ao sul. Entre os dois ducados ficava a cidade de Roma, moradia oficial do papa. E agora o monarca ameaçava a própria Roma!

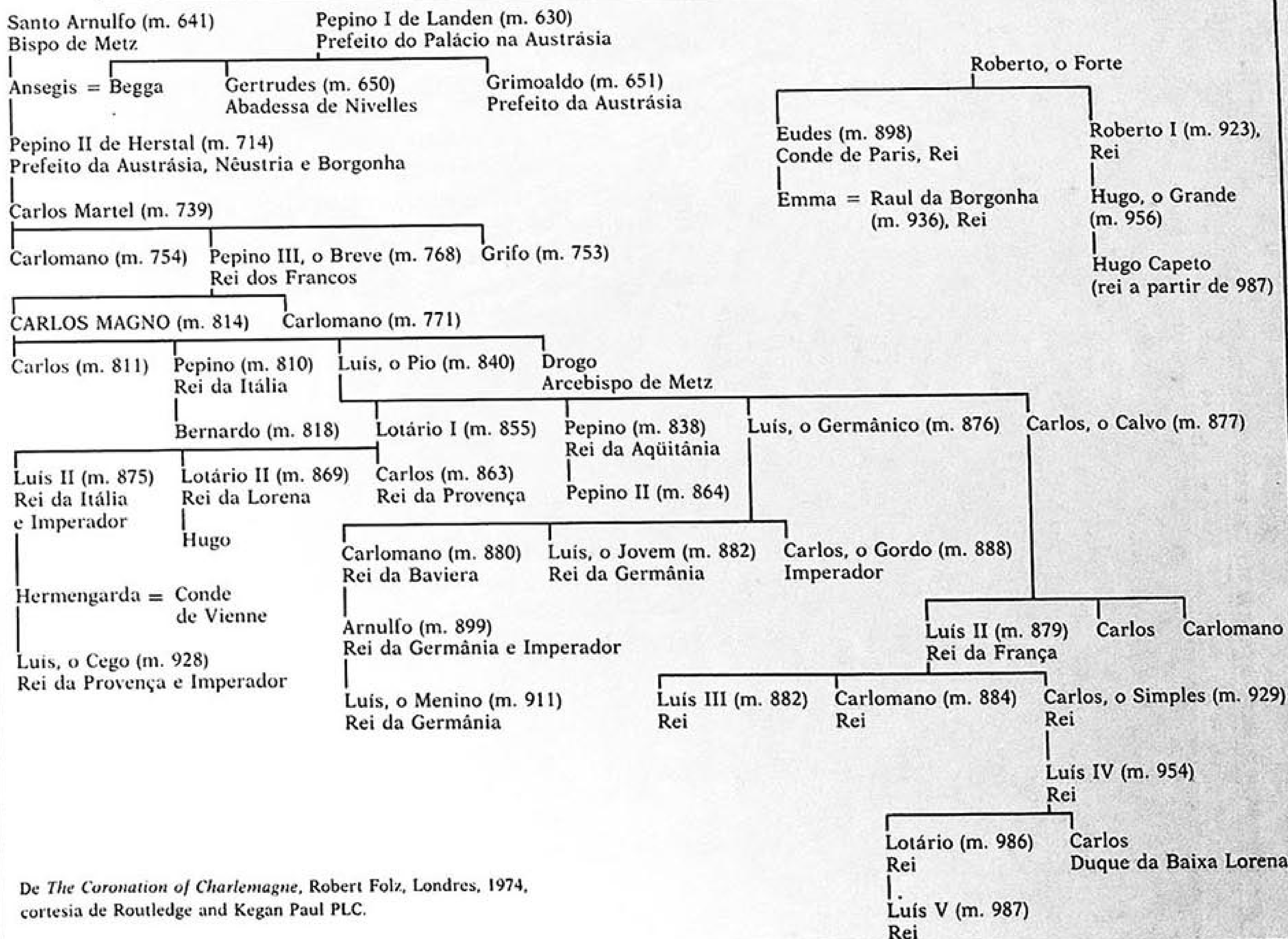
Apesar de ainda adolescente, Carlos teve uma participação ativa nas batalhas que se travaram na Itália para sustar o avanço lombardo. Também ajudou o pai a debelar uma rebelião na Aqüitânia (hoje, região central da França).

Ao completar 25 anos, Carlos já aprendera a comandar — desde os 19, era responsável por um grupo de sol-

dados. E também adquirira, além do intenso amor pela Igreja, um profundo respeito pela cultura, literatura, ciência e arte. As tradições dos antigos romanos eram ainda muito evidentes na Itália, e continuavam a florescer na Aqüitânia, que fora ocupada e civilizada pelos romanos centenas de anos antes. Carlos estivera tanto na Itália quanto na Aqüitânia e, embora na época seu objetivo fosse a luta, os costumes romanos não lhe passaram despercebidos; ao contrário, causaram-lhe tanta impressão que tentará imitá-los. As três paixões que desde cedo se enraizaram no jovem príncipe — o desejo de governar, a devoção à Igreja e o amor à cultura — se uniriam para torná-lo um dos maiores reis que a Europa conheceu.

> ***A guerra foi iniciada por seu pai, que não conseguiu levá-la a uma conclusão satisfatória.***
>
> EGINARDO
> descrevendo a primeira guerra de Carlos no livro *Vida de Carlos Magno*

Árvore genealógica simplificada dos Carolíngios



De *The Coronation of Charlemagne*, Robert Folz, Londres, 1974, cortesia de Routledge and Kegan Paul PLC.



2

Um rei jovem e impetuoso



Para ser um grande rei é necessário ter enorme energia e entusiasmo, e sentir prazer no exercício do poder. Carlos possuía todas essas qualidades desde criança; e, às vezes, elas se manifestavam de forma exagerada.

Muito do caráter do jovem se percebia pela sua aparência física. Tinha elevada estatura (cerca de 1,90 metro) e era extremamente robusto. Possuía ótima saúde e irradiava grande vigor. Essa imensa energia era, em parte, um dom que Carlos gozava desde que nascera, mas devia-se também a hábitos sadios. Tinha um apetite voraz, no entanto não comia excessivamente e jamais abusava da bebida. Exercitava-se diariamente. Sua voz era um tanto aguda, porém nada mais havia que pudesse ofuscar a impressão de força, de energia e de autoridade que dele emanava.

Carlos não tinha apenas a aparência digna de um monarca: construir e governar eram parte essencial de sua alma. Nascera, ao que parecia, para governar sozinho. Desde cedo se mostrava relutante em dividir o poder com outros.

Pepino, o Breve, morreu em 768, deixando o reino para seus dois filhos: Carlos, o primogênito, e Carlomano, seu irmão mais moço. O costume de dividir o reino entre os herdeiros, em vez de deixá-lo inteiro para o filho mais velho, era uma tradição franca. Assim, Carlos teria de dividir o governo com o irmão. Mas a situação foi tensa desde o início.

No ano da morte de Pepino, o povo da Aqüitânia se sublevou novamente. Carlos decidiu partir sem demora, apenas com um pequeno grupo que o acompanhava naquele momento, sem esperar o auxílio dos nobres. Imaginou que Carlomano o ajudaria, pois era, como ele, responsável por metade da Aqüitânia. Mas Carlomano era um jovem de caráter fraco e vacilante, que invejava a capacidade de liderança do irmão mais velho. Não mandou auxílio algum, e Carlos se viu forçado a enfrentar os rebeldes sozinho. Apesar das condições adversas, o jo-

Acima: *Muitos peritos acreditam que essa estátua de bronze do século IX representa Carlos Magno.*
À esquerda: *Carlos Magno retratado com os emblemas do poder real: a coroa, a espada e o globo que, encimado por uma cruz, simbolizava a supremacia de Deus sobre o reino terreno.*

> *Apesar de a causa que levou à guerra ser semelhante àquela que motivou o pai (...), fica claro que Carlos Magno empregou muito mais energia, o que resultou num final diferente e conclusivo.*
>
> EGINARDO
> acerca da guerra contra os lombardos

vem e corajoso rei, cheio de audácia, debelou a revolta em apenas dois meses.

Na verdade, Carlos gostou de vencer esse desafio sem nenhuma ajuda. Mas guardou ressentimento, e correram boatos de que haveria uma guerra entre os dois irmãos. No entanto, o destino evitou que as hostilidades entre eles se intensificassem. Em 771, aos 20 anos de idade, Carlomano morreu subitamente. Ignorando os direitos dos filhos menores de Carlomano, Carlos apoderou-se dos Estados do irmão e reunificou sob seu controle os reinos francos, dando início à dinastia carolíngia, que perduraria, depois da divisão do reino, até 911 na Alemanha e até 987 na França.

No reino franco do século VIII, eram os pais quem tratavam dos casamentos dos filhos. E os pais de Carlos, Pepino e Bertrada, haviam combinado dois casamentos para o filho mais velho. Sua primeira mulher, uma princesa franca chamada Himiltrude, deu-lhe um filho corcunda, Pepino, mais tarde considerado ilegítimo. A segunda esposa, Desidéria, era filha do rei dos lombardos. Mas a moça era independente demais para o gosto de Carlos, que, abandonando os conselhos dos pais, divorciou-se rapidamente das duas mulheres — as leis do divórcio eram mais liberais naquela época do que seriam mais tarde na Idade Média. O próprio rei queria escolher uma esposa que o agradasse.

Finalmente Carlos pôde realizar esse desejo: sua terceira esposa, Hildegarde, era uma mulher a quem amaria de verdade. Tinha ela apenas 13 anos quando se casou com o rei, e manteve sempre o seu jeito tranqüilo e manso da meninice. A maior felicidade da jovem era cuidar da família e acompanhar o marido em suas freqüentes viagens. Hildegarde nunca interferia nos assuntos do Estado, contentando-se em deixá-los nas mãos do rei. E possuía outra qualidade que deixava o marido muito satisfeito: era tão sadia e vigorosa quanto ele. Deu-lhe quatro filhos e cinco filhas.

Aos 30 anos, feliz no casamento e dominando todo o reino franco, Carlos começou a cuidar dos problemas fronteiriços com os saxões. Também um povo germânico como os francos, os saxões eram altos, louros e fortes. Mas, ao contrário da maioria de outras tribos germânicas que se espalharam por todo o Império Romano, os saxões quase não tiveram contato com os romanos e não sofreram, portanto, sua influência cultural. Eram conhecidos por seu caráter pagão e guerreiro, e por sua coragem em combate. As terras dos saxões faziam fronteira com o reino dos francos ao leste, e os dois povos lutavam entre si havia séculos.

Nos últimos quinze anos do reinado de Pepino, houve

paz na fronteira com a Saxônia, mas tratava-se da calmaria que antecede a tempestade. Em 772, as hostilidades recomeçaram. Apesar de parecerem pouco importantes, essas pequenas rusgas fronteiriças foram o prelúdio da mais longa e selvagem guerra do reinado de Carlos.

A primeira campanha contra os saxões ocorreu quando estes incendiaram uma igreja franca. Era o pretexto que Carlos esperava: estava ansioso para mostrar a qualidade de seus soldados e sabia que só um grande desafio faria nascer entre seus homens um forte sentimento de união e orgulho. O aspecto religioso do conflito que se avizinhava era igualmente importante, pois o rei sonhava converter os saxões ao cristianismo.

Assim, quando soube do incidente da igreja, Carlos rapidamente reuniu o conselho de nobres e obteve autorização para ir à guerra. A primeira campanha, no mesmo ano de 772, foi de pequeno porte, com uma finalidade sobretudo simbólica: as tropas francas destruíram o mais importante símbolo do culto saxão — o Irminsul —, um imenso tronco de árvore consagrado a um de seus deuses. Os saxões se renderam imediatamente e juraram a paz. Tudo se resolveu a tempo de Carlos retornar ao lar para estar com Hildegarde quando do nascimento do seu primeiro filho.

Logo a seguir, porém, surgiram novos problemas provocados em parte por um dos casamentos anteriores do rei. Sua união com a princesa lombarda fazia parte do projeto do rei Desidério de controlar o poder de Pepino. Tanto quanto seus antecessores, Desidério era um homem ambicioso. Jamais entregara ao papa a totalidade das terras que os lombardos prometeram devolver e pretendia não só manter intacto o seu território, mas também aumentá-lo. O único obstáculo eram os francos, que haviam jurado proteger o papa. Por meio do casamento de sua filha com o jovem príncipe franco, Desidério pretendera suavizar sua atitude com relação aos lombardos. Mas Carlos repudiara a princesa — sem o saber, ele acabara com o plano de Desidério e incorrera na sua ira.

Em 773, apenas dois anos após sua coroação, Carlos foi chamado urgentemente em auxílio de Roma. Os lombardos ameaçavam a cidade e o papa pediu a ajuda dos francos. Carlos levou o pedido ante o conselho e, como aconteceria sempre, os nobres foram facilmente persuadidos. Optaram pela guerra.

Carlos era um conquistador nato. Apesar de não ter adquirido fama por sua habilidade como guerreiro ou por atos corajosos no campo de batalha, possuía um rasgo de genialidade para organizar e motivar seus solda-

Carlos Magno decidiu lutar contra os traiçoeiros saxões, que haviam quebrado a sua palavra, até que estes fossem totalmente conquistados e convertidos à religião cristã, ou, então, aniquilados.

Dos *Anais Francos*



Esta gravura representa Carlos e três de suas cinco mulheres, provavelmente Himiltrude, Hildegarde e Fastrada.



Hildegarde, famosa por sua perspicácia, prepara-se para matar um touro selvagem que feriu o cavalo de Carlos, durante uma caçada. Este esporte excitante, que também garantia o alimento, era uma das atividades favoritas do casal real.

dos. E, no início da Idade Média, uma vitória dependia basicamente da velocidade de ação e do número de homens de cada exército. O rei franco tinha o que se pode chamar de talento para definir a velocidade e a movimentação de suas tropas. Ao conclamar os súditos à luta, não admitia desculpas e ordenava a aplicação de penalidades por atrasos de apenas um dia. Como não existiam mapas naquela época, levar os homens até um local de batalha exigia instintos acurados e um grande conhecimento do terreno. Carlos possuía ambos. Além disso, sua grande energia fazia com que mantivesse um ritmo acelerado. Inspirados pelo exemplo do rei, os soldados o imitavam.

Como acontecera na Aqüitânia, Carlos deu início à campanha imediatamente. Em poucos meses, os soldados francos conquistaram as cidades lombardas, uma após outra, até restar apenas Pavia, a capital de Desidério. Em 773, preparando o espírito de seus soldados para um longo cerco, Carlos atacou a cidade. Pavia estava bem fortificada e o rei não tinha a menor intenção de desperdiçar vidas num ataque mal planejado.

Deixando ali parte de seu exército, Carlos foi a Roma pela primeira vez. Peregrino devoto, ansiava por conhecer a Cidade Santa. Quando lá chegou, teve uma recepção triunfal preparada pelo papa para o seu protetor:



Querendo vingar-se dos saxões porque estes incendiaram igrejas cristãs, Carlos faz derrubar o Irminsul, um gigantesco tronco entalhado, que representava um dos deuses do culto pagão dos saxões.

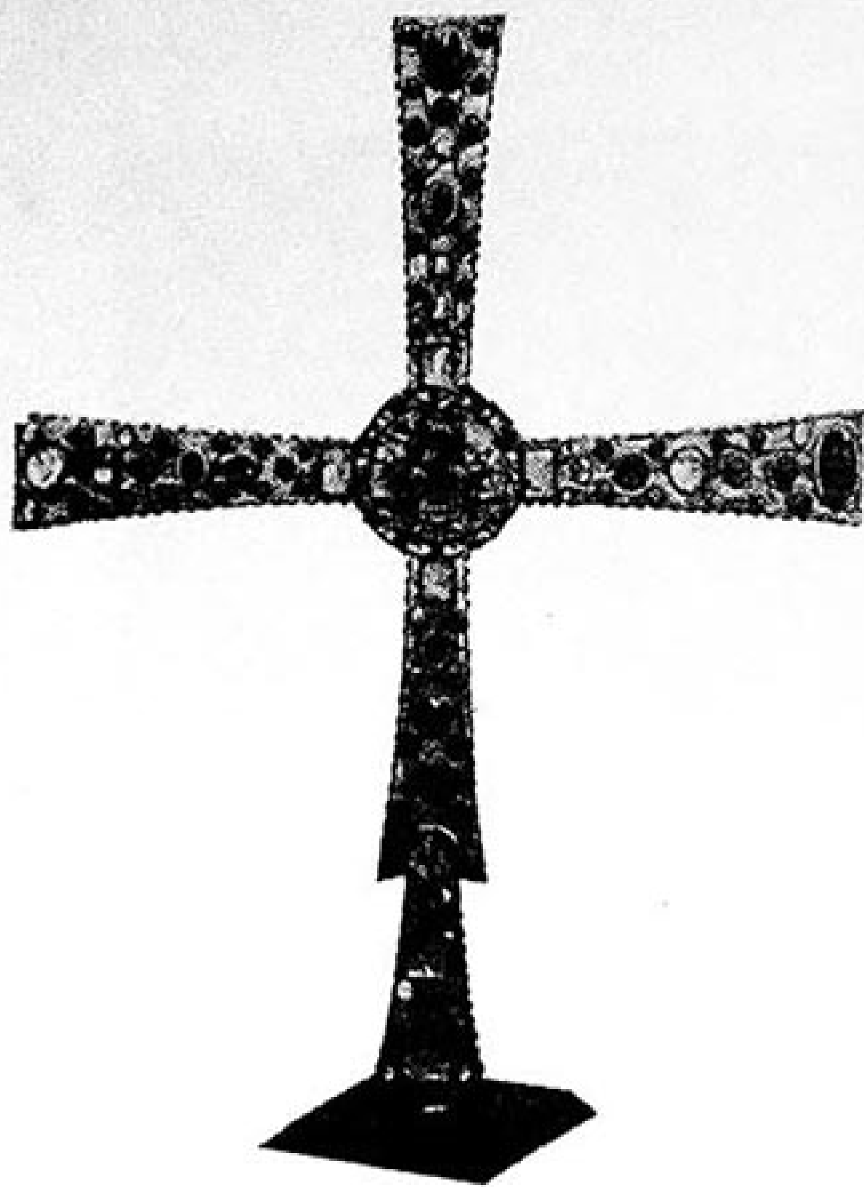
bandeiras tremulavam ao vento, soldados batiam continência, crianças entoavam hinos.

Adriano I, que ascendera ao papado em 772, descendia da antiga aristocracia romana. Sua linhagem nobre era evidente no estilo generoso e cortês. Além de receber o rei dos francos com grande pompa, também proporcionou-lhe banquetes e festas. Mas, para Carlos, o mais importante era o caráter de Adriano, forte e correto. Também o amor deste pela cultura, sua inteligência arguta e disciplinada, sua cordialidade e sincera piedade causaram ótima impressão ao rei.

De volta a Pavia, Carlos finalmente venceu a resistência lombarda após um cerco de nove meses. Até agora o jovem monarca seguira de perto os passos do pai. Pepino também subjugara uma rebelião na Aqüitânia e derrotara as tropas da Lombardia. O filho fizera o mesmo, mas essa vitória sobre os lombardos demonstrara que o novo rei tinha idéias e estilo próprios. Pepino se contentara com as promessas de paz dos lombardos. Carlos, interessado numa paz mais duradoura, considerava que esta só seria obtida por meio de uma conquista total. Não pretendia aceitar promessas que talvez não fossem cumpridas e que poderiam obrigá-lo a uma nova travessia dos Alpes, como acontecera com o pai. Resolveu, portanto, anexar os territórios conquistados. E, no ano

E Rolando disse a seguir:
Terrível é a nossa luta.
Farei soar um toque de
clarim que talvez seja
ouvido por Carlos Magno.
Quando eu o instei
a fazê-lo, amigo, disse
Olivier,
Soprá-lo não quiseste.
E, por causa deste
seu orgulho,
Veja, agora os franceses
jazem mortos.

Da *Canção de Rolando*



de 774, se fez coroar rei dos francos e dos lombardos.

Após a conquista, o papa Adriano manifestou o desejo de anexar a seus domínios algumas terras dos lombardos. Carlos atendeu ao pedido generosamente, ansioso por agradar o novo amigo, o que fez com que os laços entre a Igreja e o rei franco se tornassem ainda mais fortes.

O monarca ficou pouco tempo na Itália. Seu apego à família e ao país o chamaram de volta ao lar. Recebera a notícia de que a filha recém-nascida morrera, e ansiava por consolar a mulher. A presença do rei também era necessária por outro motivo: os temíveis vizinhos saxões haviam reiniciado suas hostilidades.

Os saxões não tinham um rei único, cada pequeno clã tinha seu chefe. No passado, essa falta de união evitara que ameaçassem o reino franco. Mas a situação havia se modificado: um líder novo e inteligente sobressaía dentre os muitos chefes, procurando unir o povo saxão. Seu nome era Widukind.

Carlos resolveu agir imediatamente. No início de 775, reuniu um poderoso exército e partiu para a Saxônia. A velocidade do exército franco pegou o inimigo de surpresa: os soldados de Carlos tomaram o forte de Sigiburgo em um único assalto. Os saxões utilizavam a tática de guerrilha, não se comparando nas batalhas convencionais ao exército bem organizado dos francos: a cavalaria partia para cima dos inimigos, seguida por uma muralha humana de arqueiros e pela infantaria, armada com lanças. Os francos obtiveram vitórias sucessivas, e perseguiram os saxões durante dois anos seguidos. A cada vitória se seguia uma conversão em massa dos vencidos. Muitos foram forçados ao batismo — nesta fase de sua vida, Carlos ainda não aprendera que não é a força que promove a verdadeira conversão religiosa.

Em 777, Widukind desistiu de unir os saxões e fugiu

Acima: *Esta cruz, incrustada com pedras preciosas, pertencia Desidério, que reinou sobre a Lombardia de 756 a 773, quando foi capturado e deposto por Carlos.*

Abaixo: *A caminho da Lombardia em 773, Carlos e seus homens atravessam os Alpes, lutando sem cessar. Apesar de pouco acostumados a batalhas em terreno acidentado, os francos derrotaram os lombardos e seguiram até a fortaleza do rei Desidério, na cidade de Pavia.*





Os saxões reverteram ao paganismo como um cão volta ao que acabou de vomitar.

Cronista franco

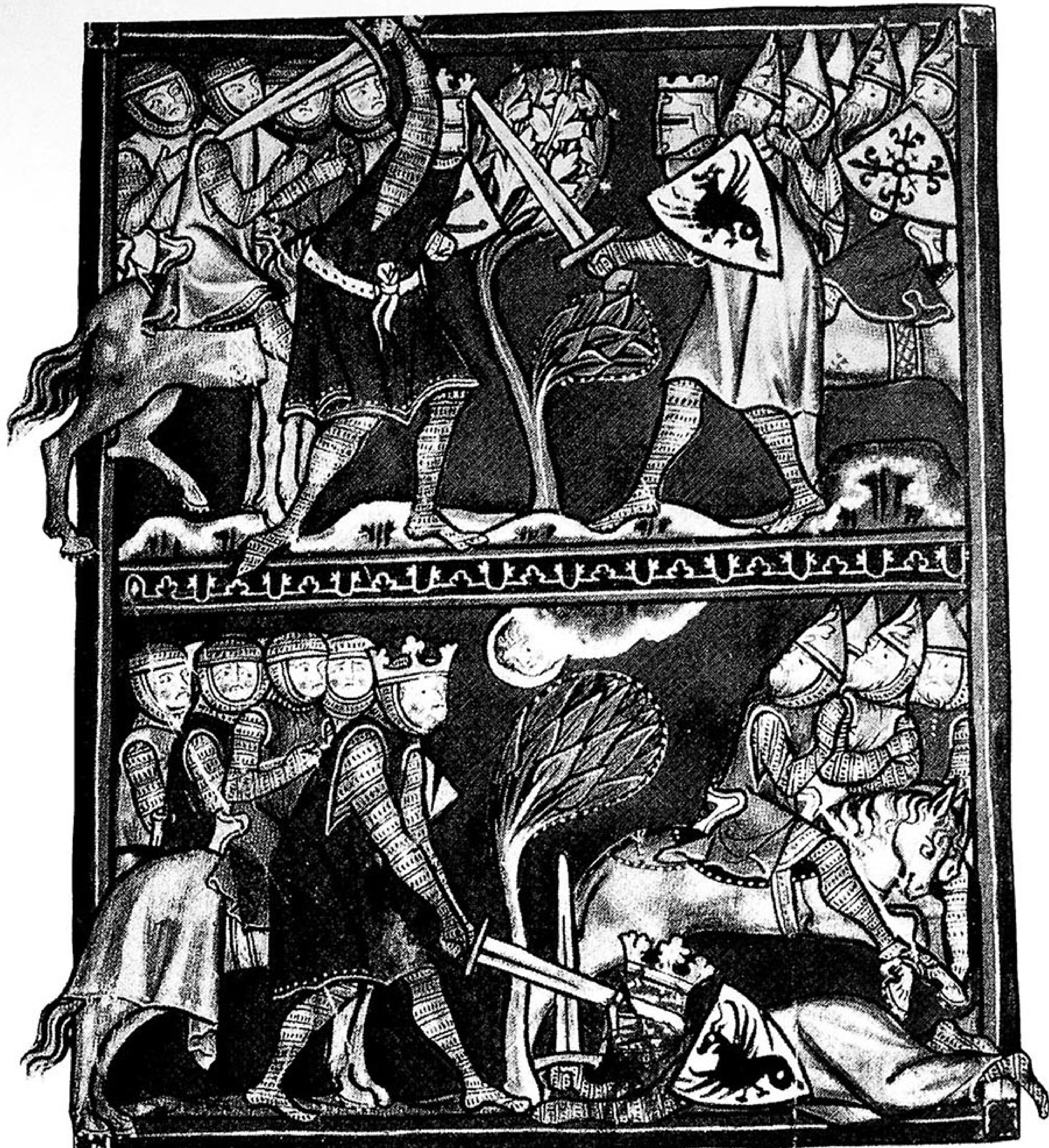
para a Dinamarca, cujo rei lhe oferecera asilo. Carlos deu por terminada sua tarefa na Saxônia, mas, como na Lombardia, não se satisfez apenas com as riquezas obtidas e com as promessas do povo conquistado: a Saxônia também integraria o seu reino. Fez então construir uma gigantesca fortaleza perto da cidade saxônia de Paderborn e lá, ainda em 777, realizou a assembléia anual dos francos.

Para Carlos, esse foi um momento de grande triunfo. Parecia que nada poderia detê-lo. Acabara definitivamente com a ameaça lombarda ao papa, algo que nem seu pai conseguira fazer, e conquistara para a Igreja imensos territórios e milhares de almas, dentre as mais persistentemente pagãs da Europa. Tudo parecia indicar que seus feitos agradavam a Deus.

No entanto, apesar de toda a sua devoção, o rei acabou sucumbindo ao orgulho, tentação dos jovens fortes e inteligentes. O mesmo homem que ora contemplava, orgulhoso e altivo, suas vitórias conheceria também amargos dissabores.



Acima: *O papa Adriano I, de quem Carlos se tornara grande amigo, deu as boas-vindas ao rei franco quando de sua ida a Roma em 773.*
No alto: *Montado em seu magnífico cavalo, Carlos Magno supervisiona o batismo forçado dos soldados saxões derrotados.*



Daz wert ouch wol die lenge.
Daz mir von anegenge.
Gemachet vñ geheizen ist.
Daz mir der heilige crist.
mit sinem blůte gekoufet hat.
wilt du haben minen rat.
So gelobe an den nitalle.
der vns von adames valle.

mit siner marter hat erkoufet.
wirdestu durch in getoufet.
vnd behaltest sin gebot.
vñ verkiosest din apgot.
Er git mer richtůmes.
vnd eren vñ rům̊es.
denne aller menschen kůnne
vf der erden ze gewůnne.

3

Castigo de Deus

Quando em marcha, as tropas francas eram um espetáculo imponente: as cabeças louras sem capacete, os corpos fortes e rijos trajando vestes ou armaduras douradas, as espadas fulgurando ao sol. A espada, aliás, era a principal arma — às vezes a única — usada pelos exércitos francos, sendo por isso tratada com muito carinho e respeito; a bainha era de ouro ou de prata, freqüentemente cravejada de pedras preciosas. Tudo isso fazia com que os francos dessem uma impressão de força e confiança. Após as vitórias que obtivera na Aqüitânia, na Lombardia e na Saxônia, Carlos considerava seus soldados invencíveis.

Ainda em 777, o rei recebeu um curioso grupo de estrangeiros que compareceu à assembléia para pedir-lhe um favor. Esses embaixadores, usando turbantes e longas vestes de finíssima seda, eram muçulmanos da Espanha, país tradicionalmente cristão, que na época encontrava-se sob domínio mouro. O grupo, liderado pelo governador de Barcelona, era fiel ao califa de Bagdá e queria derrubar o emir de Córdova, que não aceitava a autoridade do califa.

Carlos não resistiu ao desafio apresentado pelo emissário mouro. Não hesitava em se envolver em um conflito distante de seu país e dos interesses do povo franco, pois o governador de Barcelona lhe prometia a posse de várias cidades em troca de sua ajuda. Isso aguçava o orgulho e a vaidade de Carlos, levando-o a imaginar que, dessa forma, libertaria a Europa do domínio mouro.

O exército foi mais bem preparado para esta campanha do que para qualquer outra realizada até então, uma vez que a bravura dos soldados mouros era lendária. O avô de Carlos, Carlos Martel, havia expulsado a cavalaria do líder muçulmano Abdal-Rahman em 732, na Batalha de Poitiers, e essa vitória evitou que grande parte da Europa sucumbisse ao domínio muçulmano, e os árabes se concentraram então na península Ibérica. Carlos organizou um imenso exército, buscando os melhores ho-



Acima: *Obra do pintor alemão Albrecht Dürer, no final do século XV, retratando Carlos Magno com sua indumentária real.*
À esquerda: *Este manuscrito medieval mostra, na parte superior, um combate entre Carlos Magno (à esquerda) e um sarraceno. Os seguidores do sarraceno fogem (parte inferior), depois que Carlos mata seu chefe.*

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS



mens das regiões sob seu domínio. Corria o ano de 778 quando o rei, sentindo-se seguro da vitória, partiu para a Espanha.

Os fracassos, porém, começaram a se suceder desde o início da campanha. Carlos conquistou várias cidades mouras, mas a um preço muito elevado. Havia contado com a ajuda dos cristãos espanhóis, imaginando que estivessem ansiosos pela libertação do domínio árabe, mas, na verdade, aqueles demonstraram pouco interesse pela causa dos francos. Além disso, os bascos, habitantes dos Pireneus, resistiram francamente ao avanço do exército de Carlos. Enfurecido, o monarca destruiu as muralhas da cidade basca de Pamplona. Os próprios mu-



A Roncesvalles Carlos
chega agora
E pelos mortos que
encontra, chora.
Vê o sobrinho deitado
sobre a grama verde
E se enche de fúria.
Desmonta e vai até ele,
seu coração
está triste.
Segura a mão do conde
entre as suas
E desmaia sobre o corpo,
tão pungente é a
dor que sente.

Da *Canção de Rolando*

Em ocasiões importantes, Carlos abria mão de seu hábito de vestir-se singelamente e usava a resplandecente vestimenta de cerimônia. Era composta por várias camadas de roupas bordadas com fios de ouro, luvas adornadas com pedras preciosas e a coroa de safiras e esmeraldas do Sacro Império Romano.

çulmanos também não pareciam motivados pela idéia de derrubar o emir de Córdova, e o governador de Saragoça não conseguiu entregar a cidade ao exército franco, como prometera. Após vários meses, Carlos, desiludido, resolveu se retirar. E um fator veio apressar essa decisão: a notícia de que os saxões estavam novamente causando estragos em suas terras.

Os francos começaram uma árdua viagem de volta. Mesmo famintos e cansados, os soldados demonstravam orgulho e audácia na marcha. Próximos aos Pireneus, tinham de atravessar florestas densas e íngremes desfiladeiros. O caminho era estreito e tortuoso, mas eles prosseguiam cheios de entusiasmo. Desânimo não fazia par-

Carlos era firme e constante em seus relacionamentos humanos, fazendo amigos com facilidade, cultivando as amizades cuidadosamente e fazendo tudo que estivesse a seu alcance para aqueles que privavam de sua intimidade.

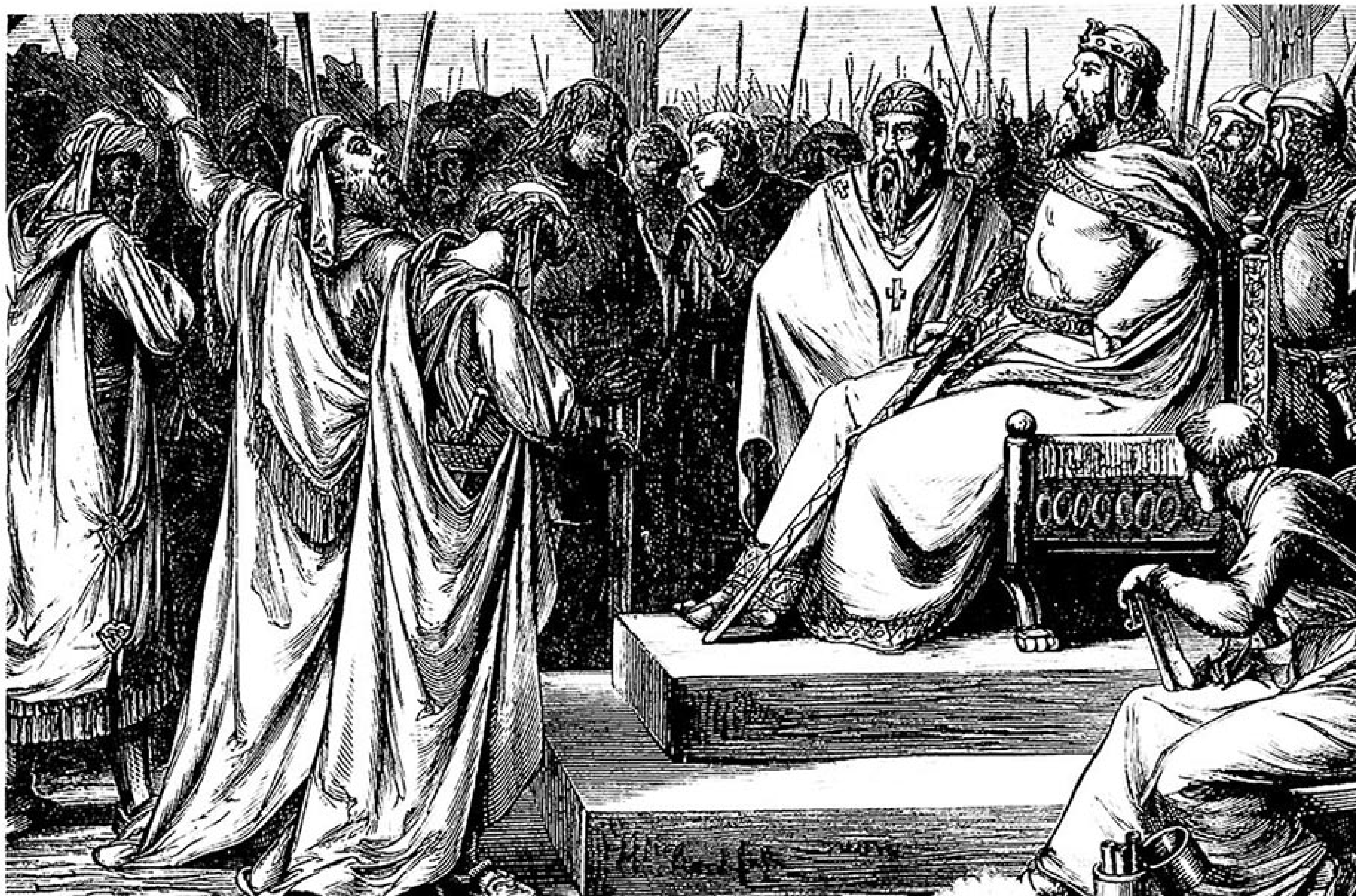
EGINARDO

De seu trono em Paderborn, o rei franco diz aos emissários do califa de Bagdá, Harun al-Rachid, que os ajudará a expulsar a facção muçulmana rival da Espanha. Como o avô, Carlos ansiava por reconquistar a Espanha para a cristandade.

te da vida daqueles homens. No entanto, alguma prudência teria evitado uma grande tragédia. Certa noite, enquanto acampavam no desfiladeiro de Roncesvalles, a retaguarda do exército ouviu um estranho ruído vindo de cima. Subitamente, uma enorme pedra rolou penhasco abaixo, esmagando uma das carroças de suprimentos. Em poucos minutos, os soldados surpresos se viram cercados por um bando de guerrilheiros bascos decididos a se vingar da destruição das muralhas de Pamplona. Os francos tentaram se defender dos atacantes, mas suas espadas nada podiam contra as flechas e as enormes pedras que vinham de cima. Eram orgulhosos demais, no entanto, para soar o alarme pedindo socorro.

Quando Carlos, à frente dos reforços, chegou ao desfiladeiro, não havia mais esperanças. Reinava um silêncio sepulcral, quebrado apenas por alguns débeis gemidos. Cadáveres de cavalos e de homens sem suas preciosas espadas jaziam por todo o desfiladeiro de Roncesvalles, esmagados pelas rochas.

Sem nada dizer, o rei andou por entre os corpos, parando e ajoelhando-se junto àqueles que conhecera pessoalmente. Para Carlos eram muito mais do que simples comandantes. Eram amigos. Lutara ao lado deles, caçara e festejara com eles, amara-os. E, agora, jaziam mortos. O rei pranteou cada um deles.



Carlos realmente foi a Roma, e a cidade estava em péssimo estado.

EGINARDO



Carlos deixou o lugar com uma sensação que jamais sentira antes. Perguntava-se como ofendera a Deus para merecer tamanho castigo. Não imaginava que o "castigo" não terminara com o massacre de Roncesvalles — aquela tragédia fora apenas o início.

Enquanto Carlos estava na Espanha, Hildegarde dera à luz filhos gêmeos, batizados com os nomes de Luís e Lotário. No inverno seguinte ao nascimento, Lotário morreu e, logo depois, o rei sofreu várias derrotas militares.

O triunfo do ano anterior sobre os saxões não fora suficiente para detê-los. Durante os meses que Carlos passara na Espanha, haviam arrasado o forte franco de Carlsburgo, invadido cidades, queimado igrejas, massacrado mulheres e crianças. O responsável por essa onda de destruição era Widukind, que retornara da Dinamarca.

O momento não era apropriado para outra campanha militar, pois, antes disso, uma série de preparativos seriam necessários. Os comandantes francos, no entanto, não pretendiam esperar. O sangue de seus compatriotas clamava por vingança. Assim, em 782, Carlos partiu em nova ofensiva contra os saxões.



Acima: *O Conde Rolando, que morreria na Batalha de Roncesvalles, é feito cavaleiro por Carlos. Criados colocam esporas nos pés do herói.*

No alto: *Ganelon, um cavaleiro traidor, ajoelha-se aos pés do monarca antes da Batalha de Roncesvalles. De acordo com a* Canção de Rolando *— obra de grande valor literário, mas de veracidade duvidosa —, Ganelon foi o responsável pela morte de Rolando, pois disse ao inimigo que as ofertas de paz de Carlos eram falsas, provocando assim a fatal emboscada.*

Ao se aproximarem do monte Suntel, os soldados francos vislumbraram um grande acampamento de saxões. Apesar das ordens em contrário de Carlos, resolveram atacar. E o massacre de Roncesvalles se repetiu. O excesso de confiança dos comandantes e a ânsia de lutar tiveram como resultado nova e terrível chacina. Outros nobres e valorosos comandantes morreram. Mais uma vez, o orgulho e a confiança excessivos provocaram uma catástrofe.

Desta vez, quando Carlos soube do resultado do ataque ao monte Suntel, sua reação foi diferente. Na Espanha sentira tristeza e remorso, e durante meses se perguntara o que havia feito para merecer tão terrível sina. Agora, porém, não era tristeza que sentia, mas sim fúria. Não queria expiar os seus possíveis erros, mas se vingar. Sua tolerância costumeira deu lugar a uma dureza implacável que perduraria por dez anos.

O monarca chamou para o seu acampamento em Ver-





Acima: *Monges celebram uma missa pelos soldados francos mortos em Roncesvalles. Carlos jamais voltou à Espanha após a batalha. Mas enviou seus generais novamente aos Pireneus, onde tomaram uma região fronteiriça, transformando-a em marca espanhola.*
À direita: *Um detalhe do túmulo de Carlos Magno em Aqüisgrano mostra o rei lamentando a morte de seus soldados. "A Roncesvalles Carlos chega agora, e pelos mortos que encontra, chora", diz a* Canção de Rolando.



Tropas francas escoltando um triste grupo de saxões levado para longe de suas terras. Como castigo por seus repetidos levantes, Carlos ordenou que milhares de saxões fossem expulsos de seus lares e reassentados em terras francas.

den (norte da Alemânia) todos os nobres saxões que um ano antes lhe haviam jurado fidelidade e exigiu que lhe dessem os nomes dos responsáveis pela rebelião. De início, os nobres se calaram, pois tal exigência contrariava todas as regras de honra. Forçar um homem a acusar um companheiro era tão cruel quanto tirar sua vida. Mas Carlos estava inexorável, e, após ameaçá-los com uma morte dolorosa, obteve os nomes dos pretensos traidores. O rei chamou então os acusados e ordenou que fossem decapitados, na frente de seus próprios companheiros. Num só dia, foram mortos cerca de 4 500 saxões.

Carlos poderia ter considerado o evento de Verden como uma espécie de vitória, mas não foi o que ocorreu. Não houve festas nem comemorações, apenas um tenebroso silêncio. Os súditos estavam aterrorizados pelo espírito vingativo de seu rei.

Em 783, faleceram a mãe de Carlos e sua amada esposa Hildegarde. O rei casou-se outra vez, mas a nova rainha, Fastrada, era uma mulher exigente que em nada se parecia com a doce e caseira Hildegarde. Para Carlos, os dias felizes do início do seu reinado, dias de conquista e de vida familiar tranqüila, pareciam haver terminado.



4

Anos de conquista



Acima: *O Duque Tassilo doou à Igreja este magnífico cálice litúrgico, considerado uma obra-prima pelos especialistas em arte antiga, após ser banido para um mosteiro pelo resto da vida, por ordem de Carlos.*
À esquerda: *Este busto de ouro, prata e pedras preciosas, obra-prima da ourivesaria do século XIII, é um dos relicários de Carlos Magno e se encontra no tesouro da Catedral de Aachen (Aqüisgrano).*

A fase seguinte da construção do Império Franco foi norteada pelo espírito frio e impiedoso que o rei revelara em Roncesvalles e Verden. Durante dez anos, entre 783 e 793, Carlos e seu exército iriam se manter continuamente em marcha. De início, sua atenção se concentrou nos saxões que, enfurecidos pela decapitação de Verden, lutaram furiosamente. Os francos retribuíram do mesmo modo.

Finalmente, após três anos de luta encarniçada que ceifou milhares de vidas e devastou os campos saxões, esgotando os recursos de ambos os lados envolvidos no conflito, veio a oportunidade de uma solução totalmente nova: Widukind ofereceu sua rendição incondicional e declarou-se disposto a aceitar a fé cristã. Foi um acontecimento memorável, pois tanto os francos quanto os saxões admiravam a coragem, a determinação e a habilidade do chefe saxão. A fim de evitar mais sofrimento para o seu povo, o grande líder guerreiro concordava em entregar suas armas e renunciar aos deuses pagãos. Carlos preparou uma grande cerimônia e foi ele próprio o padrinho de Widukind, cobrindo o afilhado de presentes.

Aqueles gestos de generosidade, no entanto, encobriam a amargura e a angústia do rei, que ocultava suas emoções sob o manto do guerreiro. Ele ainda não reconhecia a injustiça que cometera no massacre de Verden. No fundo, não conseguia perdoar seus antigos inimigos, nem sentir piedade deles. Os termos ditados aos saxões derrotados foram bastante duros: o decreto relacionava uma longa lista de atos que seriam considerados crimes, dos quais quinze mereceriam a pena de morte. Entre esses crimes estavam a violação de jejum da quaresma por desprezo para com a religião cristã, a recusa em receber o batismo e a infidelidade para com o rei. Centenas de anos mais tarde isso não pareceria tão cruel, mas no século IX era uma punição extremamente severa, já que pouquíssimos crimes incorriam na pena de morte.

Querendo ainda obsequiar o clero, Carlos promoveu

> *O reino franco que Carlos herdara do pai, Pepino, já era extenso e poderoso. Por meio das guerras ele o fez crescer a tal ponto que o reino franco parecia ter dobrado de tamanho.*
>
> EGINARDO

a transferência maciça das populações da Saxônia, disseminando-as pelo interior do reino franco, doando à Igreja as terras que se iam desocupando.

Outro duro castigo foi a cobrança do dízimo, ou seja, cada cidadão deveria contribuir com um décimo de sua renda. Os assessores do rei protestaram contra a medida, lembrando-lhe como seria difícil aos saxões pagarem aquela taxa enquanto estivessem se recuperando da destruição causada pela guerra. Avisaram-lhe que o fato prejudicaria seu plano mais almejado: que os novos convertidos sentissem um amor verdadeiro pela Igreja cristã. Carlos, no entanto, não lhes deu ouvido e anos mais tarde pagaria por sua severidade. Naquele momento, porém, os saxões haviam sofrido demais para esboçar qualquer protesto.

O próximo passo na consolidação do reino foi de esmagar, de uma vez por todas, seu antigo inimigo lombardo, Desidério, cujos filhos queriam vingar-se. Um deles, Adalgis, se refugiara em Constantinopla. Uma filha, Adalperga, casara-se com Aríquis, Duque de Benevento, na Itália. Outra filha, Liutperga, casara-se com Tassilo, Duque da Baviera. Todos os três se orgulhavam de sua família e sofriam ao ver a Lombardia engolida pelo reino franco, que parecia crescer sem parar.

Adalgis e Adalperga, que persuadira o marido a ajudá-la, foram os primeiros a reiniciar as hostilidades. Pretendiam incitar uma revolta no reino lombardo. Mas mal haviam começado a se articular quando Carlos descobriu a trama e enviou um exército para a Itália. Frente ao famoso exército franco, Adalgis e Adalperga desistiram. O Duque de Benevento, assustado, enviou seu filho a Carlos para lhe pedir clemência. A fim de provar as boas intenções do pai, o jovem se oferecia para permanecer na corte franca como refém.

Carlos ficou comovido com a coragem e a nobreza de caráter do jovem lombardo. A cortesia e a firmeza do neto de Desidério conseguiram romper a fria mortalha que durante anos envolvera o coração do rei, e uma amizade sincera nasceu entre eles. Quando o papa Adriano insistiu num novo ataque aos lombardos, Carlos não o fez. Ao contrário, autorizou o filho de Aríquis a voltar para casa e negociou com este em termos brandos. Parecia que o rei dos francos havia recuperado a generosidade de outrora.

Mas não foi o que aconteceu. Liutperga e seu marido sofreriam toda a ira e desconfiança de Carlos. Tassilo e Carlos eram primos, com apenas um ano de diferença, e se pareciam muito. A cultura da Baviera era tão antiga e rica quanto a dos francos. O duque descendia de uma das mais poderosas e nobres famílias bávaras e, co-



Francos e saxões defrontando-se num combate no início da década de 780. As armas usadas eram arcos e flechas, lanças e espadas.

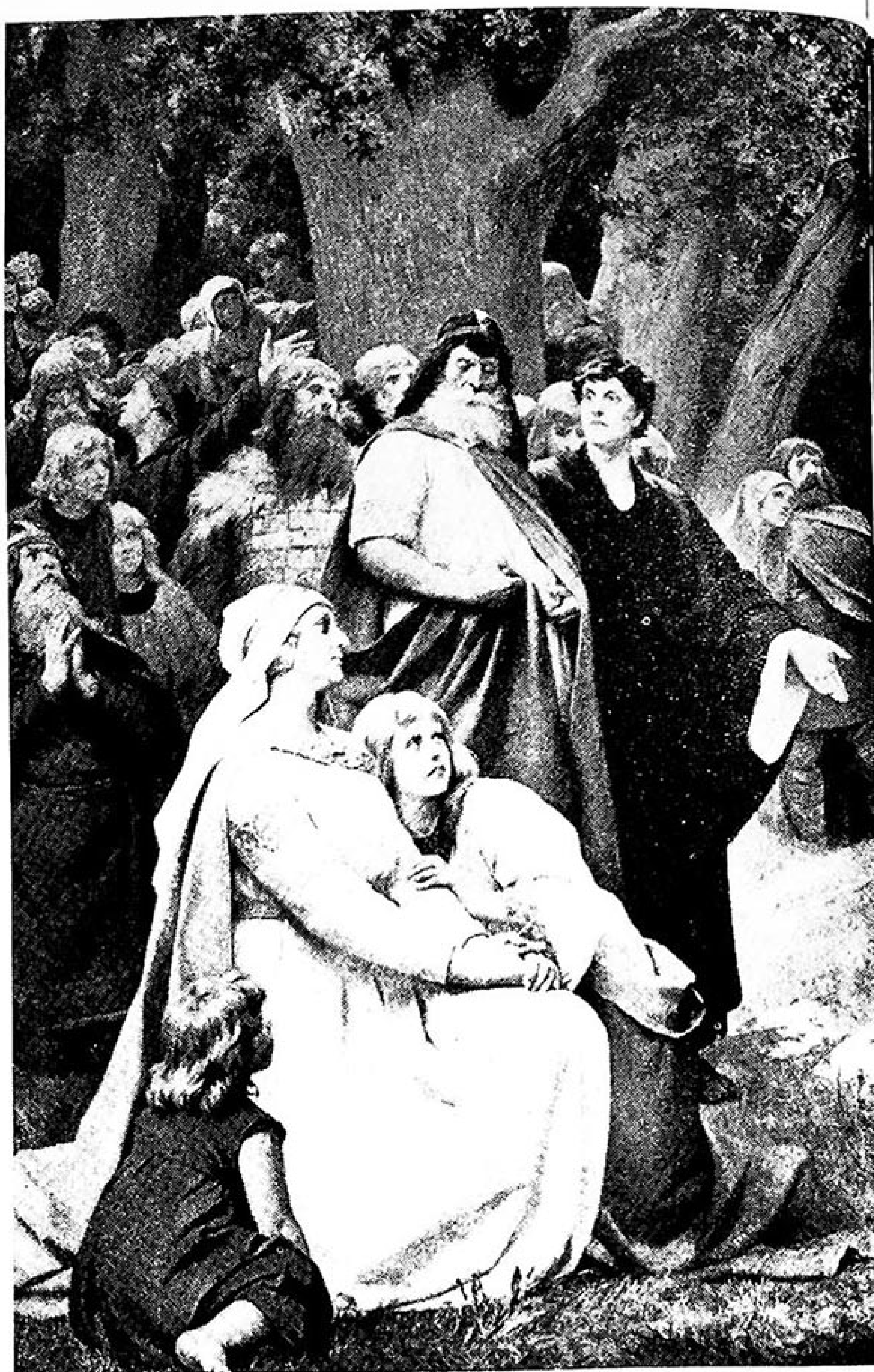
mo Carlos, nutria um fervor religioso e um respeito pela justiça que o tornavam muito querido por seus súditos.

Quando jovem, Tassilo se entendia bem com os parentes. Prestara um juramento a Pepino, o Breve, de que seria fiel aos reis francos durante toda a sua vida. No entanto, nos anos que se seguiram, um espírito de independência, alimentado pela mulher, crescera em seu coração. A filha de Desidério nutria um profundo ressentimento contra Carlos e se enfurecia ao ver o marido obedecendo ao homem que destronara seu pai.

No passado, o rei franco tolerara e compreendera essa independência do primo; nos últimos anos, porém, esse comportamento passou a irritá-lo. Finalmente, em 785, usou um pequeno incidente como pretexto para ameaçar Tassilo com seu poderoso exército e exigir que este renovasse sua promessa de fidelidade. Depois de uma justificada hesitação, o duque acabou renovando o juramento. Percebendo a relutância de Tassilo, o rei se enfureceu e não mais se contentou com o juramento: passou a exigir total submissão. Se anteriormente a ira de Car-

O número de batalhas que lá foram travadas e a quantidade de sangue derramado podem ainda ser constatados através do aspecto deserto da Panônia. O lugar onde ficava o palácio do chefe ávaro está tão desolado que não resta sinal algum de qualquer habitação humana.

EGINARDO
sobre as guerras de Carlos contra os ávaros



Segurando sua grande espada, Carlos assiste ao batismo de Widukind, chefe saxão cuja coragem suscitava respeito até mesmo entre os inimigos. A astúcia de Widukind era famosa: certa vez, quando estava sendo perseguido por soldados francos, colocou as ferraduras dos cavalos ao contrário, fazendo com que seus perseguidores fossem na direção oposta.

los se manifestara como violência física contra aqueles que nela incorreram, agora se transformava em tortura psicológica, causando feridas muito mais profundas e deixando cicatrizes praticamente incuráveis.

No ano anterior, quando Carlos ameaçara a Baviera



com seu poderoso exército, muitos nobres bávaros, atemorizados, passaram para o lado franco. O rei usou esses traidores para condenar Tassilo. Quando o duque se apresentou à Assembléia Nacional em 788, ordenou que fosse preso e enviado perante a corte. E começou então

um longo processo de delação por parte dos antigos nobres bávaros.

"Ele planejou matar os emissários de Vossa Majestade."

"Ele disse, em nossa presença, que, se tivesse dez filhos como reféns, ainda assim preferia deixá-los morrer a manter os termos do pacto."

"Ele disse que era melhor que todos nós morrêssemos do que viver como escravos dos francos."

Tassilo tudo ouviu, em silêncio. Como podiam dizer tais coisas? Ele convivera com esses homens e lutara por eles durante mais de trinta anos. As inverdades contidas nas declarações pouco lhe importavam, o que mais o feria era a falta de lealdade, a traição. O duque deixou pender a cabeça. Carlos derrotara seu espírito forte e aparentemente indomável.

Carlos ratifica a proposta de anistia que fizera a Widukind após a rendição dos saxões. Em 785, a pedido do rei franco, o papa Adriano I decretou um feriado de três dias para homenagear a conversão do líder pagão.





Súditos e inimigos se surpreendiam com a sua aparição repentina quando acreditavam que ele estivesse no recanto mais recôndito do império.

EDWARD GIBBON

O papa Adriano I, amigo de Carlos durante tantos anos, recomendou aos nobres do Duque Tassilo que estes não acompanhassem o amo em sua recusa a atender às exigências do rei franco. Temerosos de suscitar a ira do papa e intimidados pelos poderosos exércitos do rei, os nobres efetivamente não obedeceram ao duque; ao contrário, até testemunharam contra este, quando de seu julgamento.

Quando o rei declarou Tassilo culpado de traição, sua consciência fê-lo sentir a indignidade de seu ato, e pediu ao primo que escolhesse ele próprio o seu castigo. Apesar de desconfiado desta súbita clemência, deu a resposta habitual: desejava passar o resto da vida num mosteiro. Embora o duque tivesse motivos de sobra para desconfiar do súbito acesso de bondade do rei, esta nova atitude prenunciava uma transformação verdadeira no coração de Carlos. Era o ódio e o ressentimento que começavam a se desfazer, era o início de um processo que duraria muitos anos.

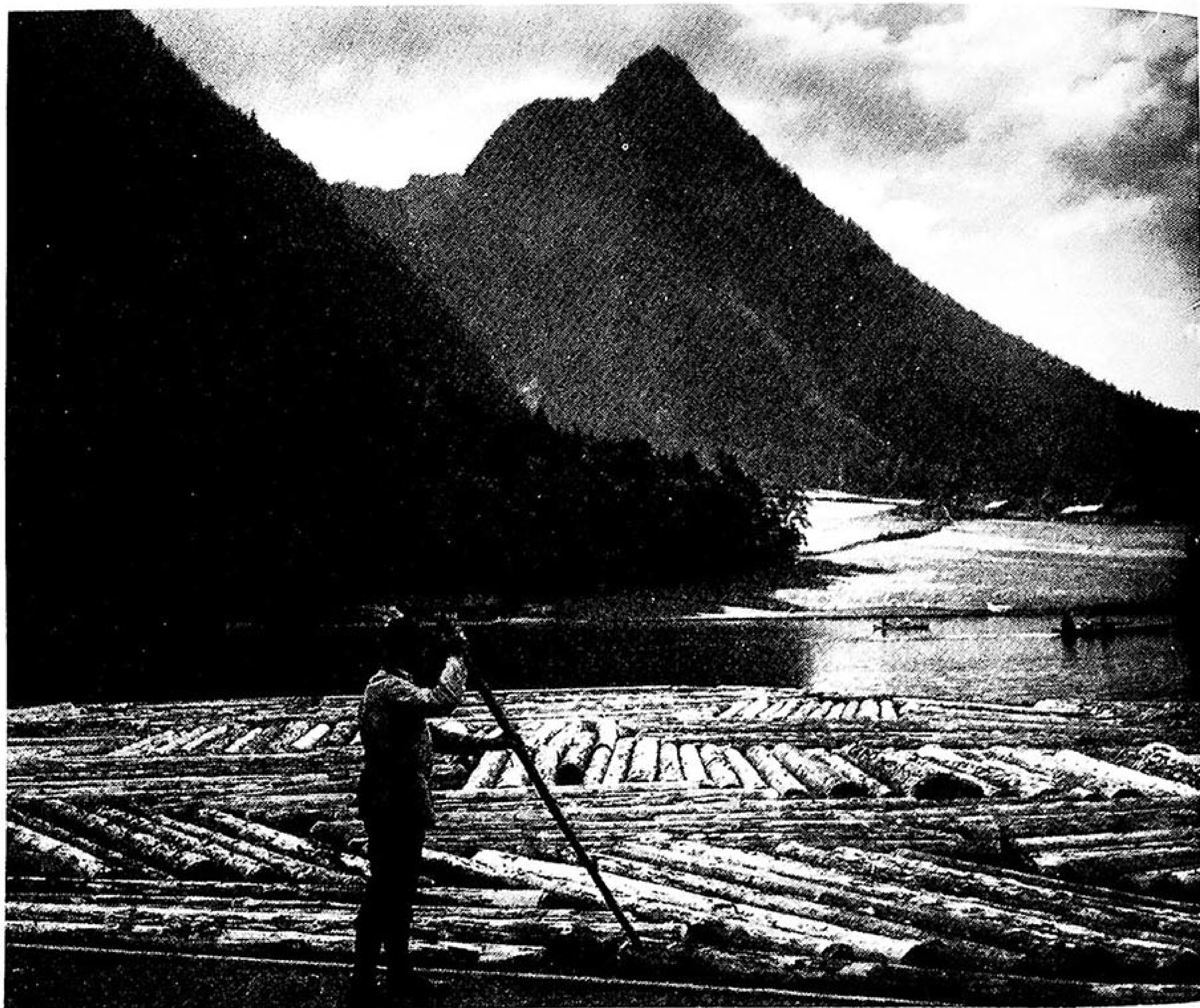
Com Tassilo fora do caminho, a Baviera foi anexada com tranqüilidade e mantida sob o domínio franco. Carlos agora reinava sobre todos os povos germânicos: os francos, os lombardos, os saxões, os bávaros. Seu reino englobava o que é hoje a Bélgica e a Suíça, quase toda a França, a maior parte da Alemanha, a Holan-

da, a Áustria, a Iugoslávia, além de parte da Itália.

Carlos, que tinha o mesmo talento para administrar quanto para conquistar, sabia que jamais poderia controlar os novos territórios do leste se não fortificasse as suas fronteiras. Na região oriental da Baviera e da Saxônia, viviam os eslavos, povo guerreiro em constante luta com os vizinhos germânicos. O rei não tencionava submeter esses povos ao domínio franco, mas tinha que forçá-los a parar com os ataques na fronteira. Portanto, logo após a anexação da Baviera, Carlos mais uma vez partiu para a guerra.

Essas guerras fronteiriças, que se estenderam de 788

A Baviera (que pouco mudou em todos estes séculos) odiava a idéia de se submeter ao rei franco. Mas no ano de 788 Carlos anexou esta linda região, que tanto amor inspirava a seus habitantes, transformando-a em ducado, e lá instalou administradores francos.





Que aqueles que acabaram de ser convertidos à fé recebam — nas palavras do apóstolo Paulo — leite, isto é, suaves mandamentos.

ALCUÍNO
monge inglês e sábio, residente na corte de Carlos Magno

Átila, o Huno, ancestral dos ferozes ávaros, conhecido como "Flagelo de Deus", aterrorizou o Império Romano entre 441 e 453. Em 450, exigiu a irmã do imperador romano em casamento, juntamente com metade do império. Quando isso foi negado, apoderou-se do norte da Itália.

a 795, culminaram com a subjugação dos povos eslavos. Foram elaborados tratados que permitiam aos derrotados uma certa independência em troca de promessas de paz e do pagamento de tributos. Essas áreas fronteiriças, que deviam obediência ao rei franco mas não faziam parte integrante do reino, passaram a ser conhecidas como "marcas". Além de manter as marcas do leste sob seu domínio, Carlos procurou também estabelecer outras na fronteira com a Espanha, a sudoeste, e com a Bretanha, ao norte.

Uma dessas guerras de fronteira acabou por se transformar num longo e sangrento conflito. Trata-se da guerra contra os ávaros, que habitavam uma região a leste da Baviera. Os ávaros eram mongóis, descendentes da

Tenho certeza quanto à boa vontade do rei, apesar de haver poucas pessoas que o auxiliam e muitas que o atrapalham propositadamente.

ALCUÍNO

tribo de Átila, o Huno, que invadira Roma três séculos antes. Tinham os cabelos compridos, amarrados com fitas, e lutavam com uma ferocidade que combinava bem com seu aspecto assustador. Os francos os achavam extremamente ameaçadores. Carlos sabia que os ávaros precisavam ser totalmente derrotados — meias medidas de nada adiantariam. Essa guerra, longa e desgastante, se tornou a segunda mais dispendiosa de todo o seu longo reinado. Os ávaros sofreram imensas baixas, que não foram menores do lado franco. Carlos, no entanto, foi bem recompensado. O imenso tesouro dos ávaros — pedras preciosas, objetos de ouro e prata, sedas ricamente trabalhadas — foi tomado pelos francos, que precisaram de dezenas de carroças para transportá-lo para a corte de Carlos.

Além das riquezas que trouxe para o reino franco, a guerra contra os ávaros foi um marco importante no seu reinado. Por mais de quinze anos, desde o massacre de Roncesvalles, os francos haviam apoiado Carlos em seu ardor de conquista e regojizaram-se com ele em suas inúmeras vitórias. Mas agora, apesar de todo o seu orgulho e da fama de bravos guerreiros, o povo estava cansado. Guerra significava sofrimento para todos os súditos, desde os camponeses até os nobres. Naquele tempo ainda não havia um exército regular e organizado, que só iria surgir no fim da Idade Média. Assim, a cada início de campanha, era necessário convocar os nobres e a estes cabia fornecer soldados. Os nobres que sobreviviam às batalhas se preocupavam cada vez mais com suas propriedades, praticamente abandonadas, e com as conseqüências de suas ausências tão prolongadas.

O povo também tinha motivos para reclamar. A grande maioria dos camponeses trabalhava três dias por semana nas terras do seu senhor, o que deixava pouco tempo para o cultivo de suas pequenas plantações. Sobre a renda que obtinham de suas próprias colheitas incidiam pesados impostos. Além disso, o rei precisava de homens, alimentos e equipamentos para suas intermináveis batalhas. Depois de tantos anos de guerra, nem nobres nem camponeses agüentavam mais.

O descontentamento crescente explodiu em 785, quando Hadrad, um dos nobres da corte de Carlos, liderou um atentado contra o rei. O plano foi descoberto e fracassou, mas em 792 surgiram novos boatos de traição e assassinato. Desta vez, a conspiração para depor o rei envolvia muitos nobres. O que agravava ainda mais a situação é que eles haviam persuadido Pepino, o Corcunda, filho da primeira esposa do rei, a liderar a conspiração.

Carlos, que amava profundamente sua família, ficou

Página ao lado: *Carlos Magno explica sua nova e clemente política de governo que pretende adotar com os povos ávaros recentemente conquistados. Lembrando-se do péssimo resultado que obteve com as duras medidas tomadas quanto aos saxões, desta vez o imperador não exigiu impostos pesados nem conversão forçada ao cristianismo.*



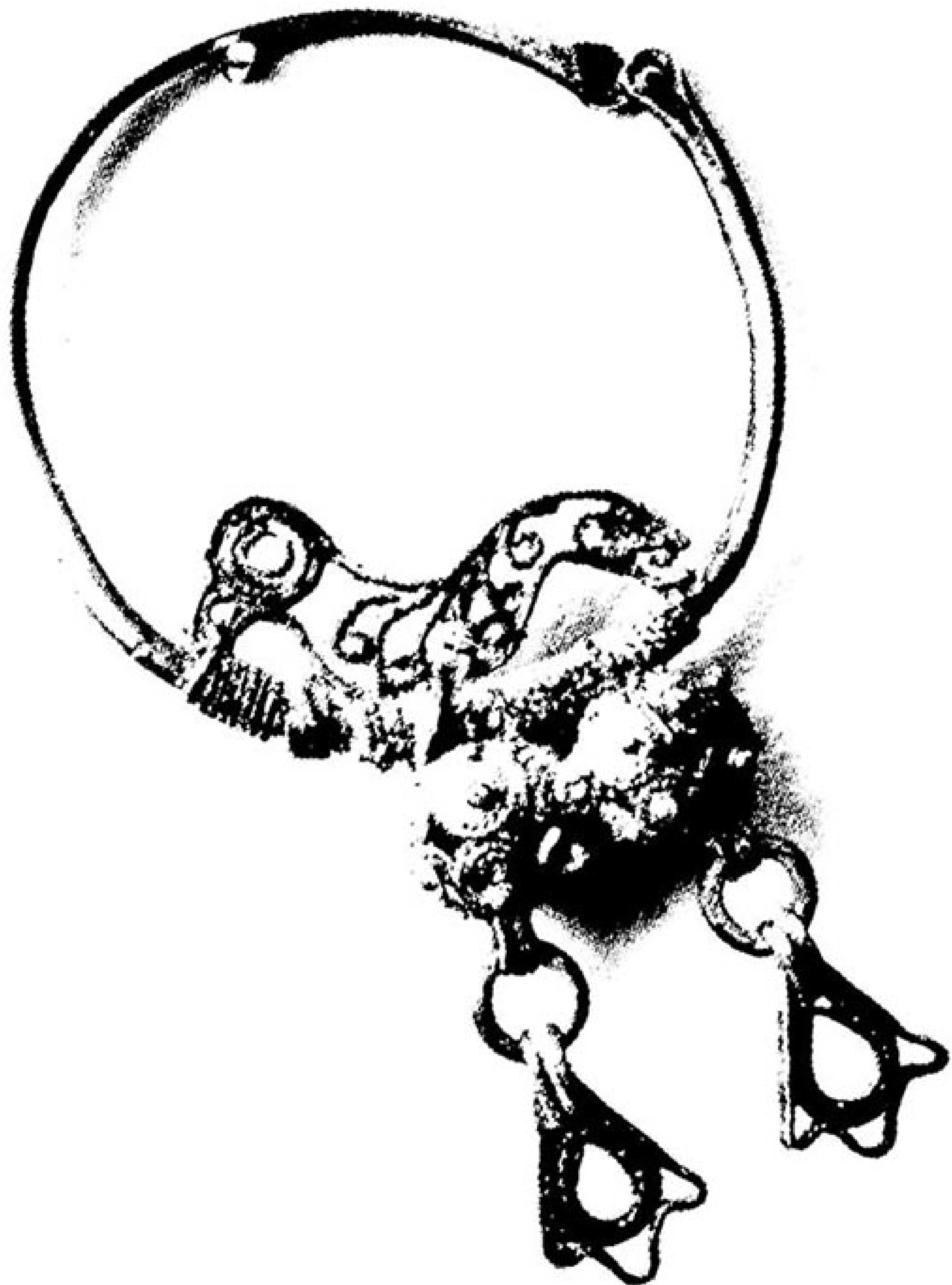
consternado ao descobrir que seu próprio filho tramara contra ele. A frieza que demonstrara nos últimos quinze anos acabou então de se desfazer por completo. Carlos salvou o filho da inevitável sentença de morte e o enviou a um mosteiro. Em seguida, fez vir Tassilo, seu primo, a quem tratara de forma tão cruel anos antes, e o perdoou formalmente.

Agora o rei via como a sua ânsia de dominação interferia com o seu desejo de atrair conversões para a fé cristã. Aprendeu que nenhum povo ou indivíduo aceita de bom grado uma fé imposta. Após a conquista dos ávaros, não houve batismos forçados nem o pagamento de dízimos. Só aqueles que haviam tomado a decisão voluntariamente seriam batizados.

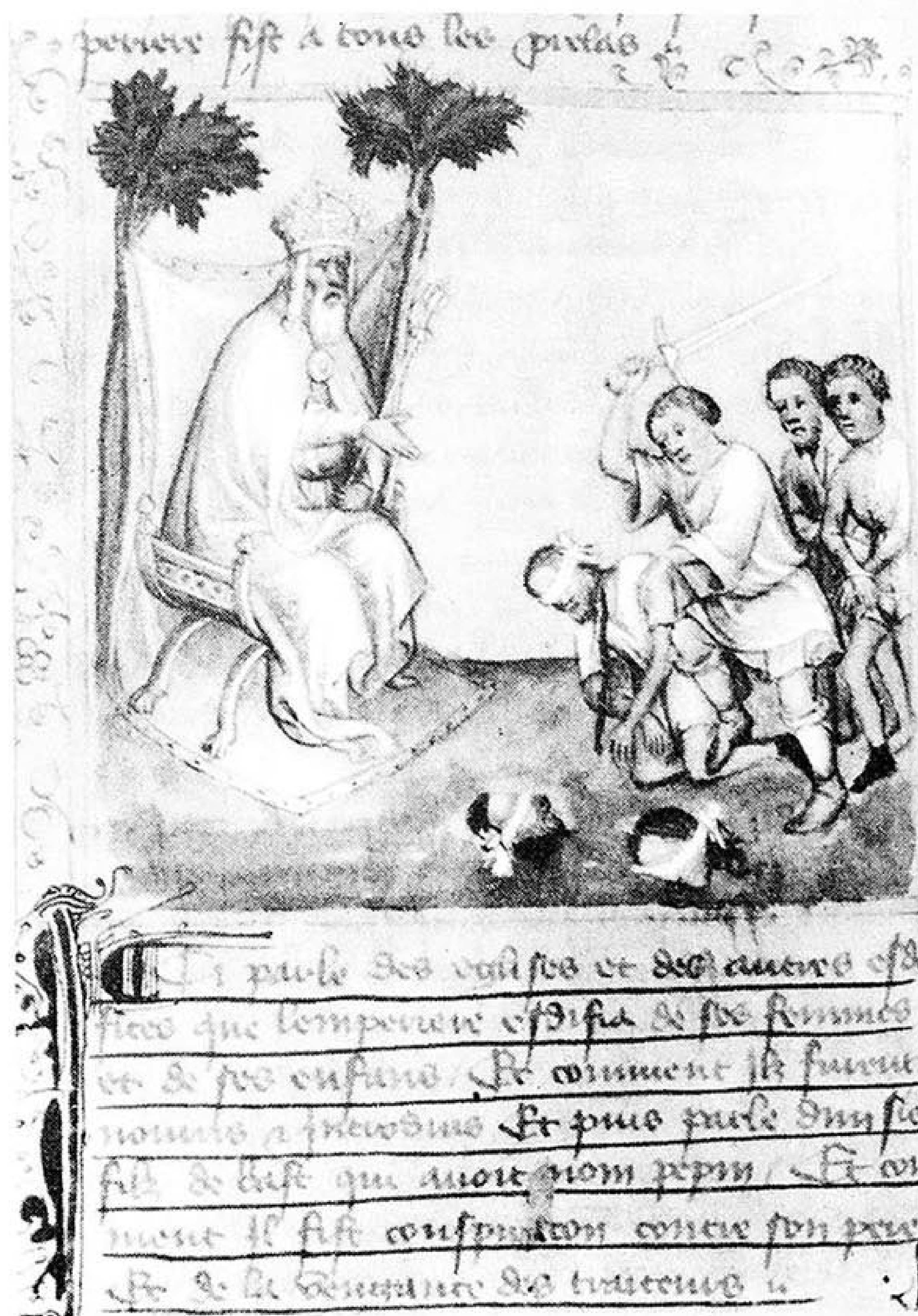
Até mesmo os saxões foram beneficiados pela nova mentalidade do rei franco. Após sofrerem durante sete

O tratamento dispensado [por Carlos] aos saxões derrotados foi um abuso do direito de conquista.

EDWARD GIBBON



Esta pulseira de bronze banhada em prata é um dos poucos artefatos ávaros ainda existentes. A maior parte dos objetos saqueados pelas tropas francas desapareceu, assim como os próprios ávaros. Após as incessantes guerras de fronteira de Carlos Magno, a expressão "desapareceu como os ávaros" tornou-se comum na Europa oriental.



Com expressão relutante, o imperador supervisiona a execução dos homens que haviam fomentado uma revolta palaciana, com a intenção de depô-lo e colocar no trono o filho a quem repudiara, Pepino, o Corcunda. A morte desses traidores em 792 marcou o fim da fase dura e impiedosa do reinado de Carlos Magno.

anos sob as condições do acordo de 785, eles rebelaram-se novamente. Carlos, pagando o preço de sua severidade e por não ter ouvido seus conselheiros, mais uma vez teve de levar suas tropas para lutar contra os saxões. Mais uma vez houve guerra, longa e sangrenta. Mas a história não se repetiu. Os saxões se renderam em 797, e, quando o novo acordo foi feito, os termos foram semelhantes aos do acordo com os ávaros. O rei mudara de fato.

BIBLIOTECA PUBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS



Charlemagne

5

O cotidiano na corte

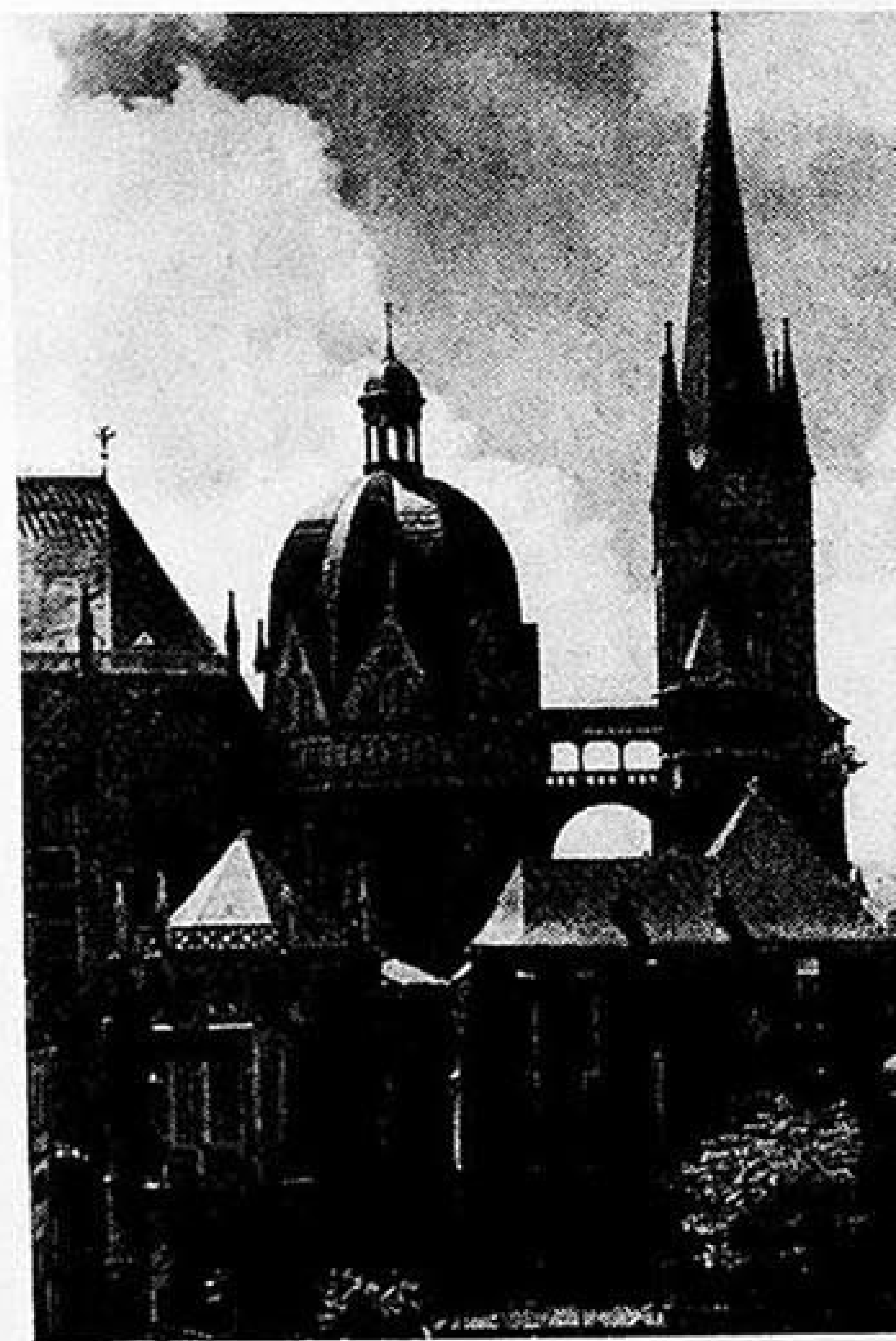
Fazia muito frio quando Carlos acordou, mas ele se levantou rapidamente. As manhãs frias e radiosas do norte eram, para ele, a melhor parte do dia.

Suas atividades começavam logo que acordava. Os condes e os administradores conversavam e pediam orientação enquanto Carlos vestia sua túnica curta e suas calças, tão justas que pareciam meias. O rei ouvia cada pergunta com atenção e respondia com rapidez. Gostava de ter gente sempre ao redor; desconhecia a idéia de privacidade e odiava a perda de tempo. Por que não ter a primeira reunião importante do dia no seu quarto de dormir? Não ocupava a mente para se vestir e, assim, podia aproveitá-la de forma construtiva desde cedo.

Depois de uma visita à capela real, vinha o ponto alto do dia: a caçada matinal, uma das paixões de Carlos, da qual a família inteira participava. Havia caça abundante nas densas florestas do norte e os caçadores sempre voltavam satisfeitos. A essa altura, todos estavam famintos e sentavam-se para a refeição do meio-dia. Carlos apreciava carne assada e comia bem. Por isso, essa refeição geralmente incluía caça fresca assada em enormes espetos.

Para o rei, as refeições eram mais do que uma simples ocasião de matar a fome. Eram também a hora de alimentar o coração e a mente. O comportamento à sua mesa era bem diferente da balbúrdia desorganizada das outras cortes. Carlos permitia que se bebesse, mas em doses moderadas, e, enquanto comiam, ouviam textos religiosos escolhidos pelo próprio rei. Só depois deste ritual é que se poderiam discutir assuntos culturais ou intelectuais.

Após um longo e repousante cochilo, Carlos acordava descansado e pronto para enfrentar o restante do dia. Havia sempre casos legais para serem resolvidos, planos para serem elaborados, capitulares (decretos) para serem redigidas. Assuntos de toda a ordem exigiam a sua



Acima: *A capela octogonal edificada por Carlos Magno (no centro da foto) era considerada por seus contemporâneos "meio humana, meio divina".*
À esquerda: *Carlos mostrou-se um homem prático e dinâmico. Governou o império, comandou suas tropas, reformulou o sistema monetário, criou programas de educação e supervisionou a construção de Aqüisgrano.*

atenção. Mas ele tinha ainda uma outra paixão: a natação, e reservava sempre algum tempo para nadar na piscina do palácio. Era comum receber nobres visitantes em sua piscina, como faziam os antigos romanos em suas termas. Ao cair da tarde, costumava voltar à capela.

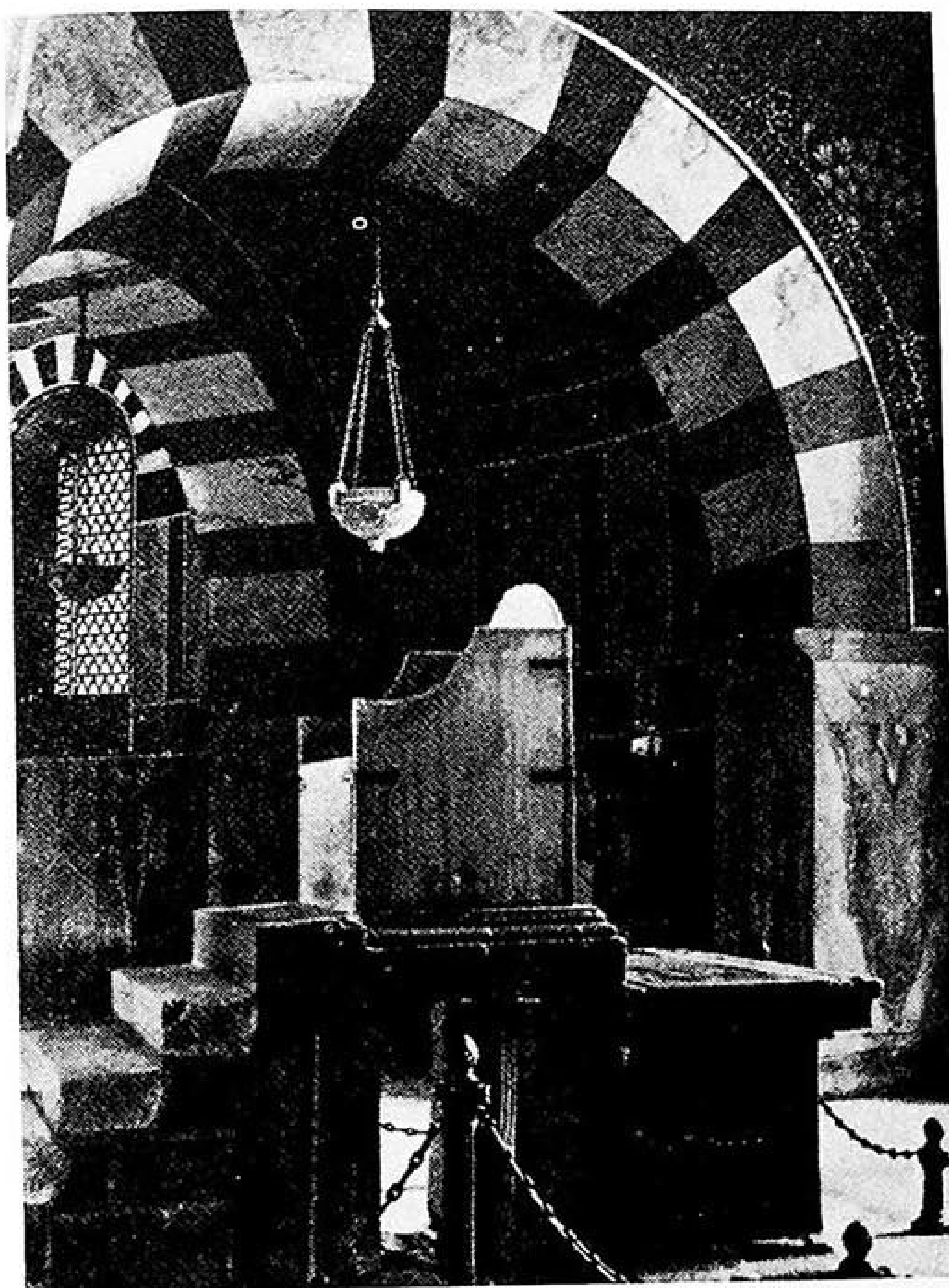
Carlos dedicava boa parte de seu tempo à família, pois levava a sério as responsabilidades paternas, embora fosse um tanto dominador. Apreciava muito a companhia dos filhos e supervisionava cada detalhe de sua educação.

O rei começava a planejar o futuro dos filhos quando estes ainda eram pequenos. Observava atentamen-

São Jaime visita o imperador em sonhos. Pouco antes de invadir a Espanha, Carlos narrara uma visão em que o santo pedia que seu túmulo fosse libertado do domínio muçulmano.



> *Carlos desprezava a embriaguez, sobretudo quanto a ele próprio e a seus amigos. Preferia o vinho da sabedoria.*
>
> ALCUÍNO



O trono simples, porém imponente, de Carlos Magno, entalhado em um único bloco de pedra, domina o interior da capela que fez construir em Aqüisgrano (hoje Aachen). Colocado sob uma imagem de Cristo na abóbada da capela, sua posição lembrava que Carlos reinava por vontade de Deus. Até o ano de 1531, este trono foi usado para a coroação dos imperadores.

te cada aspecto de sua educação para se certificar de que se mostrariam dignos das coroas que um dia usariam. Para ele, um rei digno do nome precisava ser civilizado e audacioso. Seus três filhos — Carlos, Carlomano e Luís — tiveram como preceptores os maiores sábios da época. E também recebiam lições práticas: acompanhavam o pai em suas batalhas a partir dos 10 anos e, aos 13, já tinham certa experiência no comando de soldados. Para aprenderem a governar, Carlos deu a cada filho do seu casamento com Hildegarde a administração de uma região. Pepino, o Corcunda, filho do casamento com Himiltrude, que participara do complô fracassado contra o pai, não entrou nessa divisão de territórios. O rei os mantinha sob observação para corrigir possíveis erros. Quando, por exemplo, achou que Luís estava sendo contagiado pelos hábitos frívo-

Carlos dava tanta atenção à educação de seus filhos e filhas que, quando estava em casa, jamais se sentava à mesa sem eles.

EGINARDO

los da Aqüitânia, mandou que o jovem se unisse a ele na frente de batalha contra os saxões.

Carlos tinha muito ciúme das filhas. Nutria verdadeira paixão pelas lindas princesas e não gostava de se separar delas por muito tempo. Seu amor pelas filhas continha um forte elemento de possessividade: só permitia que se casassem com membros da corte que morassem no palácio real. Mas era tolerante quanto a seus casos amorosos. As princesas participavam de todas as atividades do pai, desde a caçada matinal às discussões de alto nível que o rei tanto apreciava. Para que pudessem participar dessas conversas, as moças haviam recebido a mesma educação formal que os irmãos, algo inédito para a época.

À medida que os anos se passaram, a alma de Carlos voltou a ficar tranqüila. E a vida caseira, ao lado dos filhos, tornou-se cada vez mais importante para ele. Cansado das incessantes batalhas, começou a sonhar com um lugar onde pudesse viver em relativa paz. Possuía muitos palácios espalhados pelo reino mas nenhum que considerasse seu verdadeiro lar.

A necessidade de criar raízes deu origem a um dos mais belos projetos arquitetônicos da Idade Média. Em 791, Carlos resolveu fundar uma nova capital. Escolheu Aqüisgrano, pequena cidade no norte do reino, conhecida por suas fontes medicinais. (Atualmen-



À direita: *Uma moeda de prata cunhada por volta de 804 mostra Carlos Magno com uma coroa de louros romana. Depois que o imperador estabeleceu a prata como moeda oficial do império, o dinheiro franco podia ser usado não só no comércio interno, mas também em transações fora do país.*
Página ao lado: *Carlos Magno ouve o relatório de um dos* missi dominici *(emissários do rei) que acabou de chegar de uma viagem de inspeção numa propriedade real. Sem os missi, que eram os "olhos e os ouvidos do rei", Carlos teria enorme dificuldade em manter o controle sobre seu vasto império.*



te esta cidade, que se encontra em território alemão, na fronteira com a Bélgica, tem o nome de Aachen, sendo também conhecida pela designação francesa de Aix-la-Chapelle.) Aqüisgrano ficava numa região relativamente próxima à Saxônia, sendo, portanto, o lu-

gar mais apropriado para tal empreendimento. Carlos se propunha a construir ali uma nova e grande cidade que fosse um marco arquitetônico e refletisse sua própria majestade.

E Aqüisgrano realmente foi uma grande cidade, com a marca indiscutível do homem que a criou. Logo após o início das construções, os francos se apossaram do tesouro dos ávaros e não mediram despesas. O núcleo da nova capital era formado pelo palácio e pela capela, símbolo perfeito da igualdade e da união entre Estado e Igreja.

Em 787, Carlos era ainda o líder bárbaro de um grupo guerreiro, o vencedor de batalhas, que dava e recebia ouro e jóias, que punia faltas religiosas (...)
Ao mesmo tempo, sujeitou o povo franco a leis imparciais.

DONALD BULLOUGH

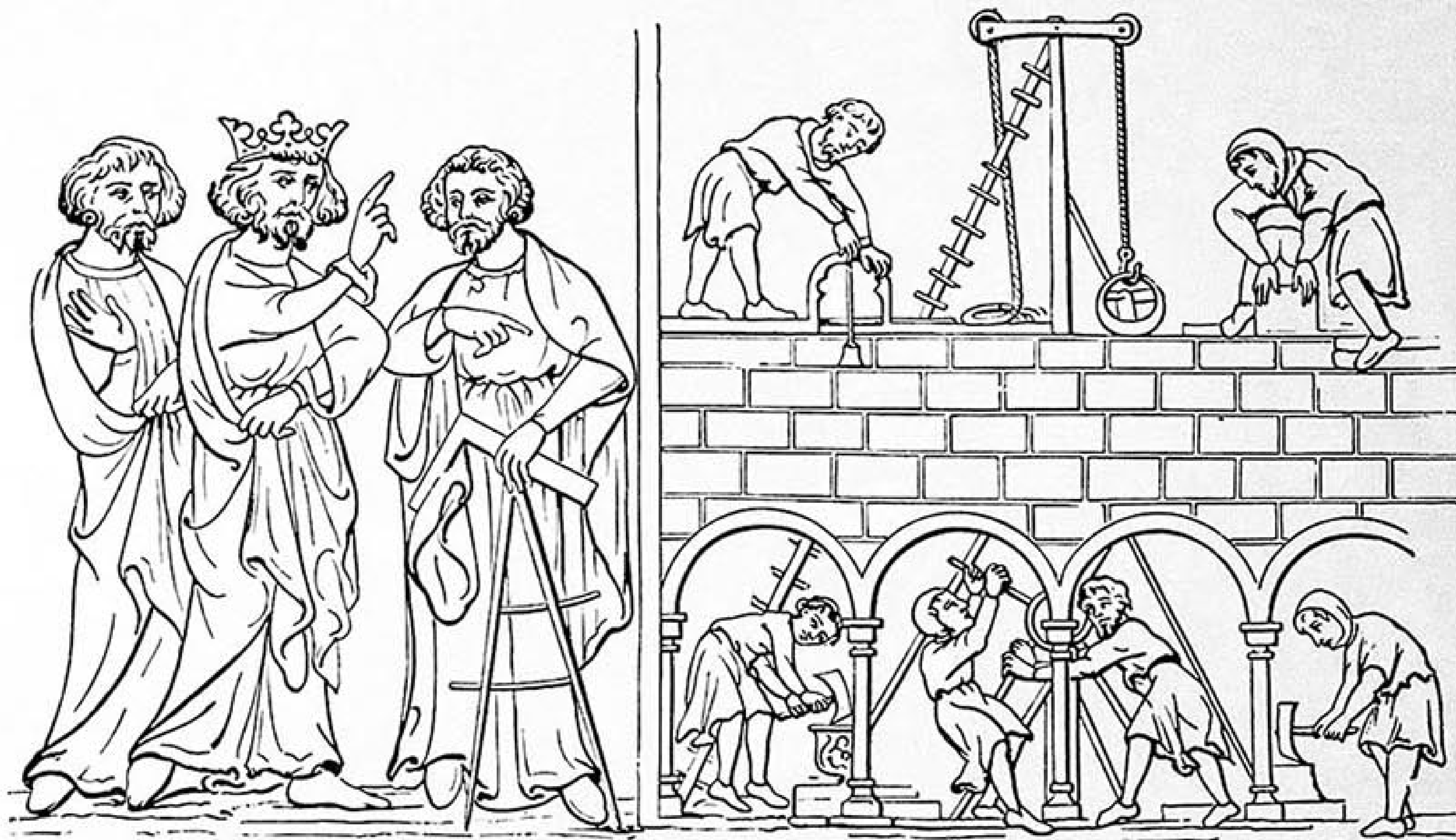
Cada um desses edifícios era absolutamente soberbo. O palácio tinha inúmeros aposentos especiais — a sala do tesouro, a biblioteca, a sala de armas, os aposentos privados. Na área de lazer, o monarca fez construir uma grande piscina de mármore, com capacidade para mais de cem pessoas, que recebia água quente diretamente das fontes termais.

Mas foi na capela que empenhou sua maior atenção, decorando-a com antigos mosaicos romanos — um presente do papa —, mármore italiano, ourivesaria em ouro e prata, e portais de bronze. Os melhores artesãos da Europa foram convocados para adorná-la. Uma passarela coberta ligava-a ao palácio, para facilitar o acesso da família real. Em pouco tempo, uma cidade movimentada desenvolveu-se ao redor da residência real.

O temperamento tranqüilo de Carlos e o prazer que sentia em seu novo lar uniram-se ao desejo de melhorar as condições de vida dos seus súditos. A partir do final da década de 780 e durante toda a década seguinte, o rei dedicou-se cada vez mais à administração pública e social. Passara anos viajando através do seu reino, supervisionando pessoalmente as diversas propriedades reais e por isso conhecia-as a fundo.

Essas propriedades eram praticamente auto-suficientes, produzindo cerveja, mel, vinho, carne, queijo, mostarda, tecidos, sapatos e objetos de ferro. Para orientar seus prepostos que gerenciavam essas propriedades, Carlos elaborou um documento com as normas que considerava essenciais para uma administração eficiente. Esse documento, que se chamou "Decreto sobre as Propriedades", continha sugestões específicas acerca do que e como plantar, e da melhor maneira de trabalhar em cada uma das pequenas indústrias caseiras das propriedades. O decreto também abordava outros assuntos, tais como a importância da contabilidade, da higiene e da manutenção de ferramentas e construções.

Infelizmente, muitos dos administradores eram pre-



O rei conversa com os arquitetos acerca das fundações de um mosteiro. Embora a maioria das edificações daquela época tivesse paredes de madeira, Carlos construiu igrejas e casas de pedra e tijolos.

guiçosos e corruptos. Não só ignoravam as sugestões contidas no decreto, como também roubavam os camponeses. O rei, que não desconhecia o fato, encontrou uma solução engenhosa para o problema: enviar grupos de embaixadores especiais para fiscalizar os administradores e assim se assegurar de que havia justiça mesmo nas regiões mais distantes do reino. Esses embaixadores, chamados *missi dominici* ("emissários do rei" em latim), eram escolhidos por sua firmeza de caráter e trabalhavam sempre em dupla: um clérigo e um leigo.

"Faço questão", disse Carlos, "que meus *missi* sejam exemplos vivos das virtudes que transmitem aos outros em meu nome, pelo seu comportamento exemplar."

O rei aprimorou também o sistema de comunicação e o comércio. Abriu muitas estradas e construiu pontes, além de manter as antigas em bom estado de conservação. Chegou até mesmo a tentar construir, embora sem sucesso, um canal ligando o Danúbio ao Reno. À medida que os vários povos componentes do reino franco entraram em contato uns com os outros, começaram a surgir desavenças por causa das diferentes moedas, pesos e medidas usados no comércio. Carlos estabeleceu então um sistema único de moedas e medidas, válido para todo o reino.

Mas a preocupação de Carlos pelo bem-estar de seus súditos não se limitava às suas necessidades físicas: ele também se sentia responsável pelo seu lado espiritual.



6

Cultura e religião

Embora fosse um homem de ação e de comportamento rude, Carlos dava muita importância ao desenvolvimento intelectual e ao enriquecimento da alma. Interessava-se pela música, pelas línguas e pela teologia, e seu interesse cresceu ainda mais quando ele se instalou em Aqüisgrano, onde tinha mais tempo para se dedicar às atividades culturais. Com a ajuda de mestres, estudou retórica, dialética, astronomia. Tentou até mesmo aprender a escrever, mas, segundo diz seu biógrafo Eginardo, "havia começado demasiado tarde e por isso obteve escassos resultados".

Ansioso por difundir o conhecimento, fundou uma escola no palácio para a qual convidou os sábios de todo o reino. Embora a escola fosse freqüentada principalmente pelos filhos dos nobres, as crianças de origem humilde também podiam se beneficiar, e muitas vezes até apresentavam os melhores resultados. Carlos, que sonhava poder um dia oferecer educação a todos em seu reino, aprovava a educação das mulheres, atitude rara naquela época.

A reputação da escola do palácio logo se espalhou, atraindo professores de toda a Europa. Entre eles, havia um que chamou a atenção do rei: era um monge inglês chamado Alcuíno, de inteligência extraordinária. Carlos fez-lhe uma proposta irrecusável para morar no palácio e coordenar seu programa educacional. Sob a direção do monge erudito, o sonho de Carlos de elevar o padrão educacional dos francos começou a se tornar realidade.

Alcuíno escreveu livros escolares, em substituição a outros, repletos de erros, usados anteriormente pelos francos. E usou a própria escola do palácio para treinar professores, que iriam se estabelecer nas escolas fundadas nas muitas abadias que havia pelo reino. Essas abadias, residência e lugar de oração dos monges, eram também centros de cultura e conhecimento. Quinze anos após a chegada de Alcuíno a Aqüisgrano, Carlos havia



Acima: *Uma figura representando a Gramática preside a cerimônia de casamento da Eloqüência e do Conhecimento num livro de poesia latina usado na escola do palácio. Os textos de Alcuíno eram complementados com cópias de livros feitos por sábios romanos muitos séculos antes.*
À esquerda: *O imperador visita a escola palatina para avaliar os estudantes. Muitos dos livros usados no colégio foram escritos pelo monge Alcuíno.*

Abaixo: Carlos ouve um aluno demonstrar sua habilidade na redação em latim.
Página ao lado: *O imperador dita uma capitular a Alcuíno, que, entre outras tarefas, desempenhava a de escriba. Embora considerasse o monge indispensável no palácio, permitiu que este, já idoso, se aposentasse, nomeando-o abade do Mosteiro de São Martinho de Tours, uma das instituições religiosas mais ricas do Sacro Império Romano. Lá, Alcuíno morreria em 804.*

conseguido o seu objetivo: educação acessível para todos os súditos. Esse foi um magnífico marco na história, principalmente se considerarmos que ocorreu em plena Idade Média, quando o conhecimento intelectual era um privilégio dos religiosos.

Carlos apreciava a companhia de Alcuíno e os debates que surgiam após as refeições entre este e os outros sábios sentados à sua mesa. Conversavam durante horas, tratando dos mais variados assuntos, desde teologia até astronomia.

As reuniões dos intelectuais — que se autodenominaram "A Academia" — logo se transformaram numa tradição na corte de Aqüisgrano. Durante as sessões, liam poemas, comentavam os acontecimentos do dia e organizavam desafios de rimas. Deve ter sido nessas reuniões intelectuais que Carlos se comportava da forma mais simpática. Sem qualquer falso orgulho, o soberano admitia sua total ignorância em determinados assun-





Carlos dava a maior atenção às artes liberais, e sentia o maior respeito pelos homens que as ensinavam.

EGINARDO

tos e demonstrava sua curiosidade sempre insaciável.

A preocupação do rei com a educação dos francos se devia em grande parte à importância que dava ao bem-estar espiritual e moral, e um dos principais objetivos das escolas que fundara era divulgar a leitura da Bíblia. Nos anos anteriores, seu conceito de missão religiosa se reduzira às tentativas de obter novas conversões a partir de suas vitórias nos campos de batalha. E deixava para a Igreja a "alimentação das almas", ou seja, o aprofundamento no ensino religioso. Agora, porém, resolvera efetuar uma reforma na Igreja franca. Queria que os homens, e sobretudo o clero, fossem testemunhos vivos dos ideais de comportamento que professavam. O rei passou a pregar com freqüência, fazendo sermões contra o vício e a impiedade.

O monarca procurou também tornar as cerimônias religiosas belas e dignificantes. Antes do seu reinado, as igrejas eram usadas como depósitos de feno e de ferramentas. As cerimônias eram realizadas em meio a objetos de toda a espécie; os padres falavam com pouca cla-

À direita: *Alcuíno, monge inglês nascido em York, transformou em realidade o sonho de Carlos Magno de proporcionar educação para todos. Também foi um amigo fiel do rei e seu tutor, além de conselheiro religioso e político.*
Página ao lado: *A maioria dos livros utilizados na corte e nas escolas fundadas por Alcuíno tinha conteúdo religioso. Como o estilo literário também era considerado importante para a educação, não eram dispensados os antigos clássicos, gregos e romanos.*




INITIVM EVANGELII IHV XPI FILII DI SIC
SCRIPTVM EST IN ESAIA PROP ECCE MITTO ANG

Permitimos a qualquer pessoa que o deseje, pelo amor a Deus e a seus santos, erigir imagens dentro ou fora das igrejas, mas jamais forçaremos alguém a adorá-las, nem permitiremos a outros que a destruam.

CARLOS MAGNO
nos *Livros Carolíngios*, tratado escrito para o conselho de Frankfurt, defendendo a posição da Igreja ocidental quanto à idolatria

Página ao lado: *Um monge da época copia um manuscrito num pergaminho. Este material, feito de pele de carneiro, era muito caro; por isso, muitas vezes os monges "lavavam" manuscritos velhos, reutilizando-os para transcrever textos que consideravam mais importantes. Atualmente, com o auxílio de raios infravermelhos, é possível descobrir os textos originais.*

reza e eram interrompidos continuamente pela conversa dos assistentes. Carlos deu fim a esse espetáculo grotesco. Mandou limpar e consertar todas as igrejas do reino e introduziu na liturgia eclesiástica o magnífico canto gregoriano. Além disso, incentivou os padres a estudarem para que pudessem se beneficiar de uma educação mais elevada.

Em seu novo papel de defensor da fé, Carlos passou a participar das controvérsias religiosas, fazendo com que fossem estudadas e debatidas em sua corte. Ali, no entanto, sempre vencia, graças aos seus esforços, a postura ortodoxa, ditada pelas tradições da Igreja. Começou até mesmo a interferir nos assuntos eclesiásticos e papais, quando achava que seu velho amigo, o papa Adriano, dava pouca importância a questões que considerava fundamentais.

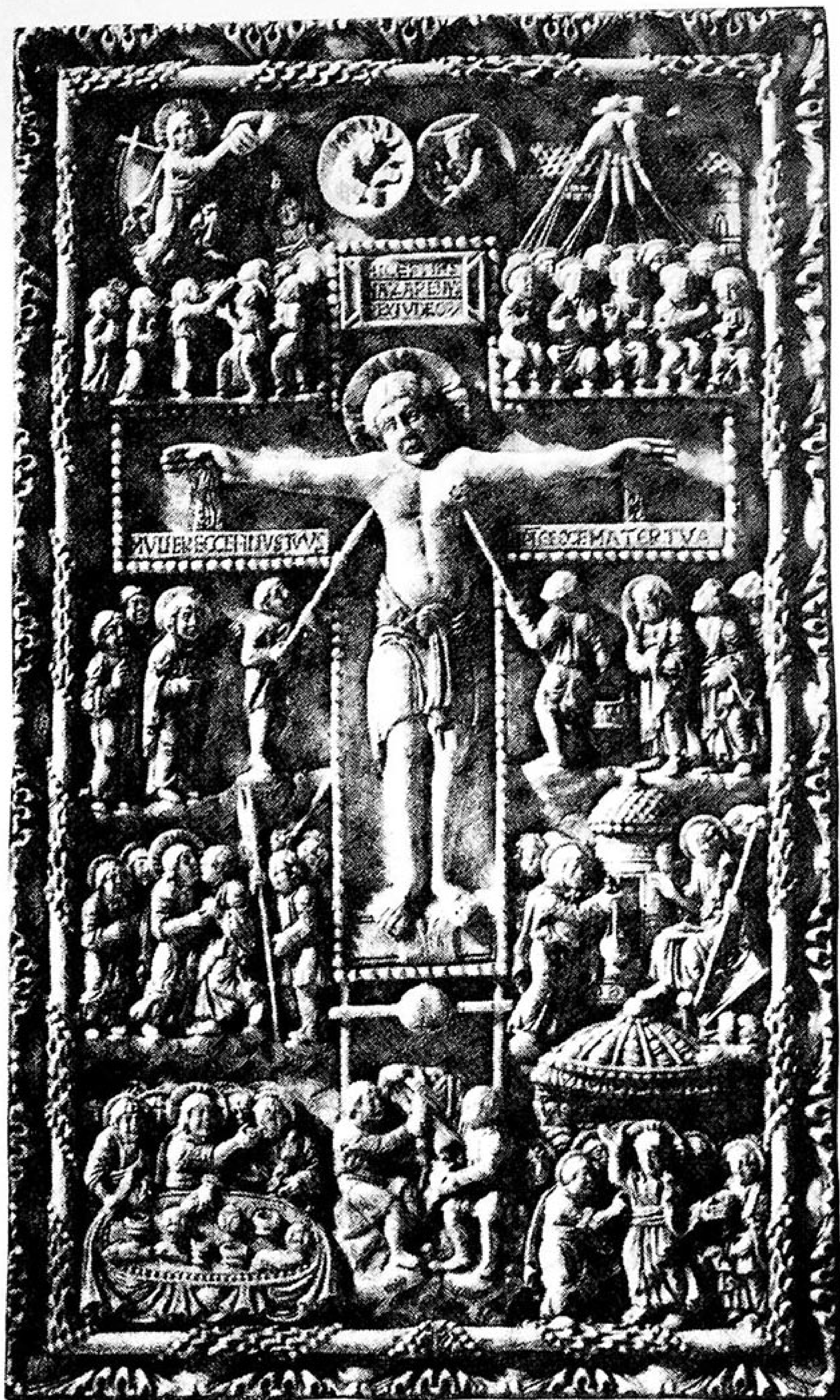
A questão mais polêmica da época era o papel desempenhado pelas imagens sacras nas práticas religiosas. Durante muitos anos, os cristãos de Bizâncio deram grande importância às imagens de Jesus, de Maria e dos santos, tanto assim que, em 787, o imperador de Constantinopla, Constantino VI, defendeu formalmente esse costume.

Quando Carlos tomou conhecimento de suas palavras, achou que elas continham heresias, pois a Igreja ocidental dizia que as imagens poderiam auxiliar no que tocava ao crescimento e ao fortalecimento da doutrina e da instrução religiosa, mas não deveriam ser elas próprias objeto de veneração. Carlos avisou o papa do perigo que pressentia na ênfase de Igreja bizantina quanto ao papel das imagens. E o instou a tomar alguma providência.

Adriano respondeu com uma carta calorosa, mas não tomou nenhuma atitude. Então, "inspirado pelo amor a Deus e à verdade", Carlos resolveu agir por conta própria: escreveu longa e vigorosa defesa da posição da Igreja ocidental e, em 794, organizou um concílio de bispos em Frankfurt, onde fez ler a sua tese. O conselho se deixou persuadir facilmente pela eloqüência e pelos argumentos do que são hoje conhecidos como *Livros Carolíngios.* Carlos mostrou que podia enfrentar os mais sábios teólogos, convencendo até memo os representantes papais. Todos os presentes aprovaram a exigência do rei e condenaram a posição bizantina. E Adriano, amigo de Carlos, fez com que a condenação virasse força de lei.

Durante essa longa amizade que durou mais de vinte anos, o papa Adriano e o rei franco travaram certa disputa pelo poder. Cada qual tivera a sua vez de se render à força superior do outro. Adriano bloqueara a ten-




MULIER ECCE FILIUS TUUS
ECCE MATER TUA

tativa do monarca de assumir o poder político em Roma, embora esse poder tivesse sido dado oficialmente aos francos quando estes expulsaram os invasores lombardos. E Carlos negara pedidos insistentes do papa por mais terras que pudessem aumentar a extensão do território pontifical. No entanto, apesar de todas as dificuldades e disputas, a amizade dos dois se manteve firme. Sempre houvera um equilíbrio de forças entre o grande monarca guerreiro e o ilustre papa, cimentado pela afeição mútua e pela devoção de ambos à Igreja.

Em 795, um ano após o encontro de Frankfurt, o papa Adriano morreu. Carlos ficou profundamente abalado e, embora não o soubesse naquele momento, perdera muito mais que um amigo. Com a morte de Adriano, o delicado equilíbrio entre Aqüisgrano e Roma terminara.

Os estudos de Carlos foram tardios, trabalhosos e imperfeitos (...), mas a curiosidade da mente humana tende, no fim, à sua melhoria.

EDWARD GIBBON



À esquerda: *Conhecida como "o pente de Santo Heriberto", esta magnífica peça medieval de marfim entalhado — uma arte que atingiu seu apogeu durante o reinado de Carlos Magno — mostra anjos assistindo, consternados, à crucificação de Cristo. As flores simbolizam a árvore da vida, tema comum na arte religiosa do Império Bizantino.*

Página ao lado: *Alguns dos livros religiosos da biblioteca de Carlos Magno tinham capa de marfim esculpida, como esta que mostra a crucificação de Cristo. O imperador valorizava este trabalho feito pelos monges, embora sofresse influência da imagística da Igreja oriental, que Carlos considerava herética.*



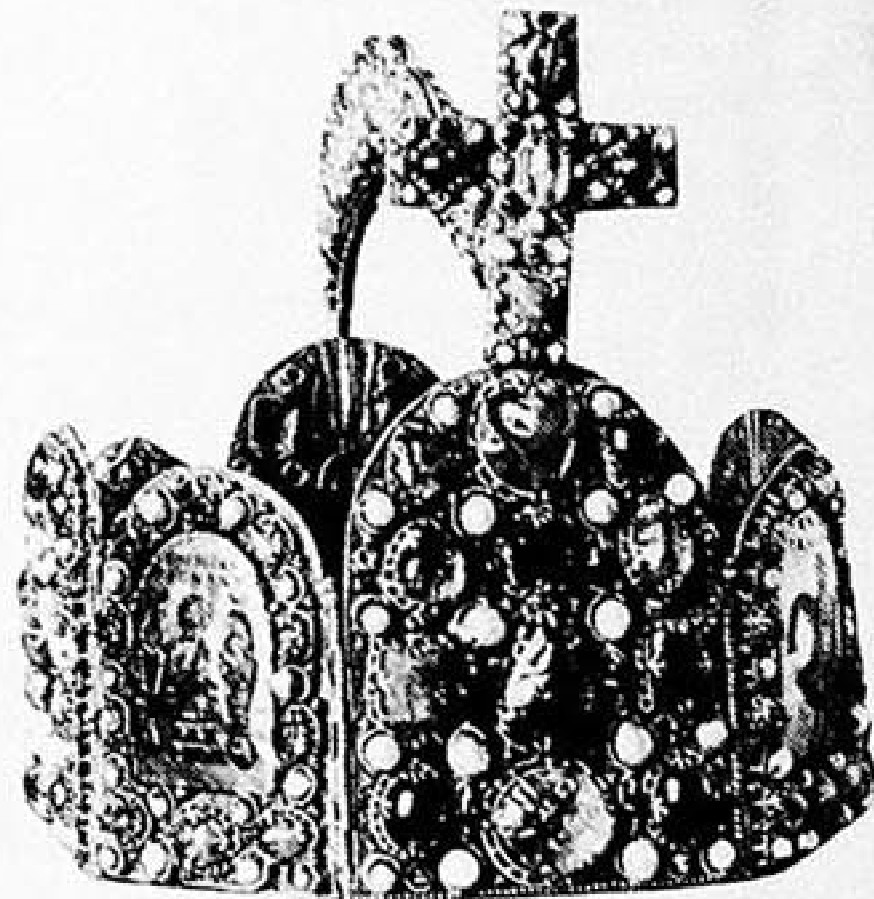
7

Imperador de Roma

Em Roma, podiam-se ver por toda a parte os vestígios do outrora poderoso Império Romano. As imponentes edificações, embora marcadas pelo tempo, ainda se encontravam de pé. O latim era falado em toda a Europa e as mesmas famílias aristocráticas que governaram a cidade na época dos césares mantinham firmemente as rédeas do poder. Carlos se sentira atraído por essa grande cidade, fascinado por sua cultura, por seu nobre passado e pela atmosfera de poder que nela existia. No entanto, junto com essa atração vinha certa desconfiança, pois, embora apreciasse a civilização, achava que os hábitos de Roma beiravam a decadência e proibiu os filhos de lá irem enquanto fossem jovens e influenciáveis.

Com a morte de Adriano, o rei franco se veria ainda mais profundamente envolvido nos assuntos de Roma, com conseqüências que nem ele próprio imaginara. O homem que sucedeu a Adriano no trono de São Pedro não se parecia em nada com aquele que o precedera. Adriano era oriundo de uma das famílias mais aristocráticas de Roma; Leão III, de origem humilde, era encarado com desconfiança por essa mesma aristocracia, que, entre outras coisas, o considerava imoral. O novo papa logo percebeu que, para sobreviver, precisaria de proteção, pois corria perigo. De fato, certa manhã da primavera de 799, quando se encontrava a caminho da igreja de São Lourenço, Leão III foi atacado por um grupo de conspiradores. Quando acordou, deu-se conta de que estava encarcerado numa cela de mosteiro, suas vestes haviam desaparecido e seu corpo estava coberto de hematomas. De lá, os conspiradores o levaram a um convento, de onde foi finalmente resgatado por empregados leais. Imediatamente, o papa procurou asilo junto aos embaixadores francos.

Carlos não nutria muita simpatia pelo novo papa, cujo caráter, na sua opinião, não se comparava ao de Adriano I, e suspeitava que a acusação de adultério feita pelos nobres fosse verdadeira, mas a violência sofrida pe-



Acima: *A coroa dourada do Sacro Império Romano, que o papa Leão III colocou sobre a cabeça de Carlos Magno. Incrustada de esmeraldas e safiras e encimada por uma cruz e um arco de pedras preciosas, a coroa tem uma inscrição com o nome de um antigo imperador romano.*
À esquerda: *Este retrato do século XIX mostra o imperador como um teutônico. Não há retratos de Carlos Magno que possam ser considerados fiéis, mas um cronista da época escreveu que o rei media "sete vezes o tamanho do seu pé", tendo sido, portanto, bem mais alto que a maioria dos francos.*

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS

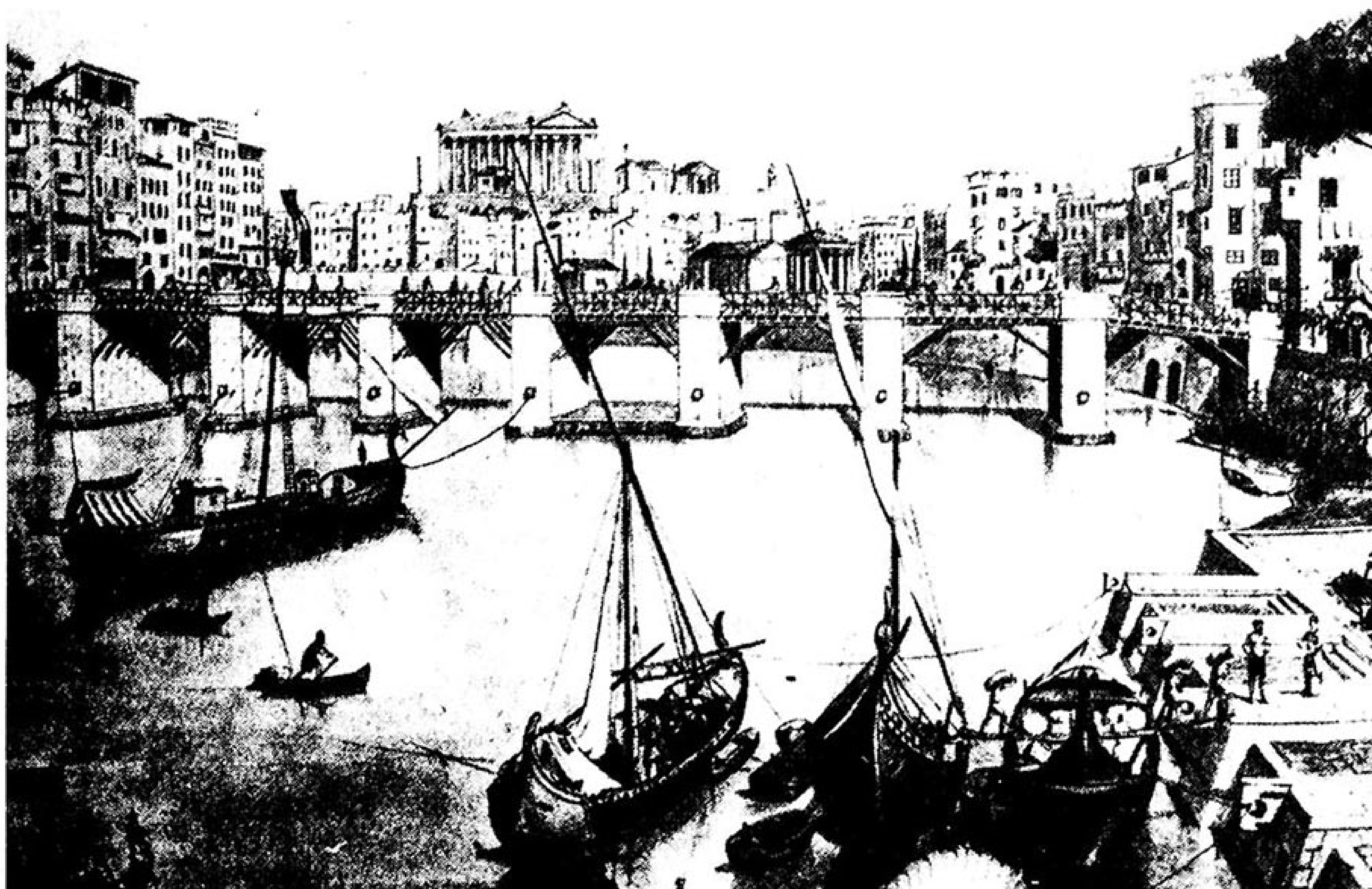
> ***Em 799, Carlos era o homem mais poderoso do mundo; seria aclamado como a maior glória da Europa, pai do continente, Augusto; um soberano com a sua própria capital, uma "segunda Roma", adornada com edifícios magníficos; o monarca a quem o próprio papa procurou quando precisou de proteção e auxílio.***
>
> DONALD BULLOUGH

Presume-se que assim era Roma na época de Júlio César. Embora parcialmente destruída pelos bárbaros em 455, a cidade ainda mantinha parte de sua antiga grandiosidade quando o rei franco a viu pela primeira vez.

lo homem que representava a Igreja era uma atitude imperdoável, independente de quais fossem os sentimentos pessoais que nutria pelo pontífice. Carlos então ordenou a seus embaixadores em Roma que levassem Leão III a Paderborn. Lá, o papa passou os meses de verão em longas confabulações com o rei. No início do outono, Carlos estava convencido de que deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para recolocar o papa em seu trono.

Em novembro de 799, o rei franco enviou Leão III de volta a Roma, recomendando-lhe que se comportasse com sobriedade. Acompanhavam-no uma guarda pessoal e dois arcebispos incumbidos de proceder a uma investigação destinada a limpar o nome do papa de qualquer suspeita quanto à acusação de adultério. Mas os problemas não haviam terminado; os acontecimentos ocorridos teriam conseqüências duradouras.

Durante toda a primavera seguinte, Carlos viajou pelo seu reino, visitando até mesmo as marcas mais distantes, sempre verificando se os seus domínios estavam seguros ou sofrendo algum tipo de ameaça. Esteve também nos santuários, onde rezou e confabulou com seus assessores de confiança. Já no final da viagem, quando estava prestes a retornar para casa, sua bela e muito querida esposa Liutgarda adoeceu e morreu. Era a sua quinta esposa e Carlos a amava profundamente, pois ela en-





A Basílica de São Pedro, completada em 1626, ocupa o lugar da antiga igreja onde Carlos Magno foi coroado imperador na noite de Natal do ano 800. Erigida no século IV sobre o túmulo de São Pedro, a construção original foi severamente danificada pelos repetidos ataques dos bárbaros; o túmulo, porém, continua intacto.

chera a sua vida de graça e serenidade. Mas desta vez o rei não se deixou abater, uma nova energia e determinação o haviam invadido.

No verão de 800, o monarca anunciou sua decisão de ir a Roma. Queria ver Carlos, seu filho legítimo mais velho, oficialmente sagrado rei dos francos. (Era habitual, no reino franco, que os herdeiros fossem coroados antes da morte de seus predecessores para evitar disputas pelo poder.) Além disso, ainda não terminara a investigação que ordenara e sabia que sua presença e apoio seriam fundamentais para limpar o nome de Leão III.

Roma recebeu-o como um herói. Imensas multidões encheram as ruas, aclamando o rei. O povo romano, que durante séculos fora orgulhoso e desconfiado em demasia para aceitar a tutela de estrangeiros, encontrou no imponente guerreiro franco algo que o encantou. Os romanos eram gratos a Carlos, que, em 774, os livrara dos lombardos. O rei também os cobrira de presentes e, o mais importante, conseguira despertar o entusiasmo popular como os antigos césares. Leão III não conseguia motivar o povo; Carlos era, aparentemente, o único que tinha esse poder.

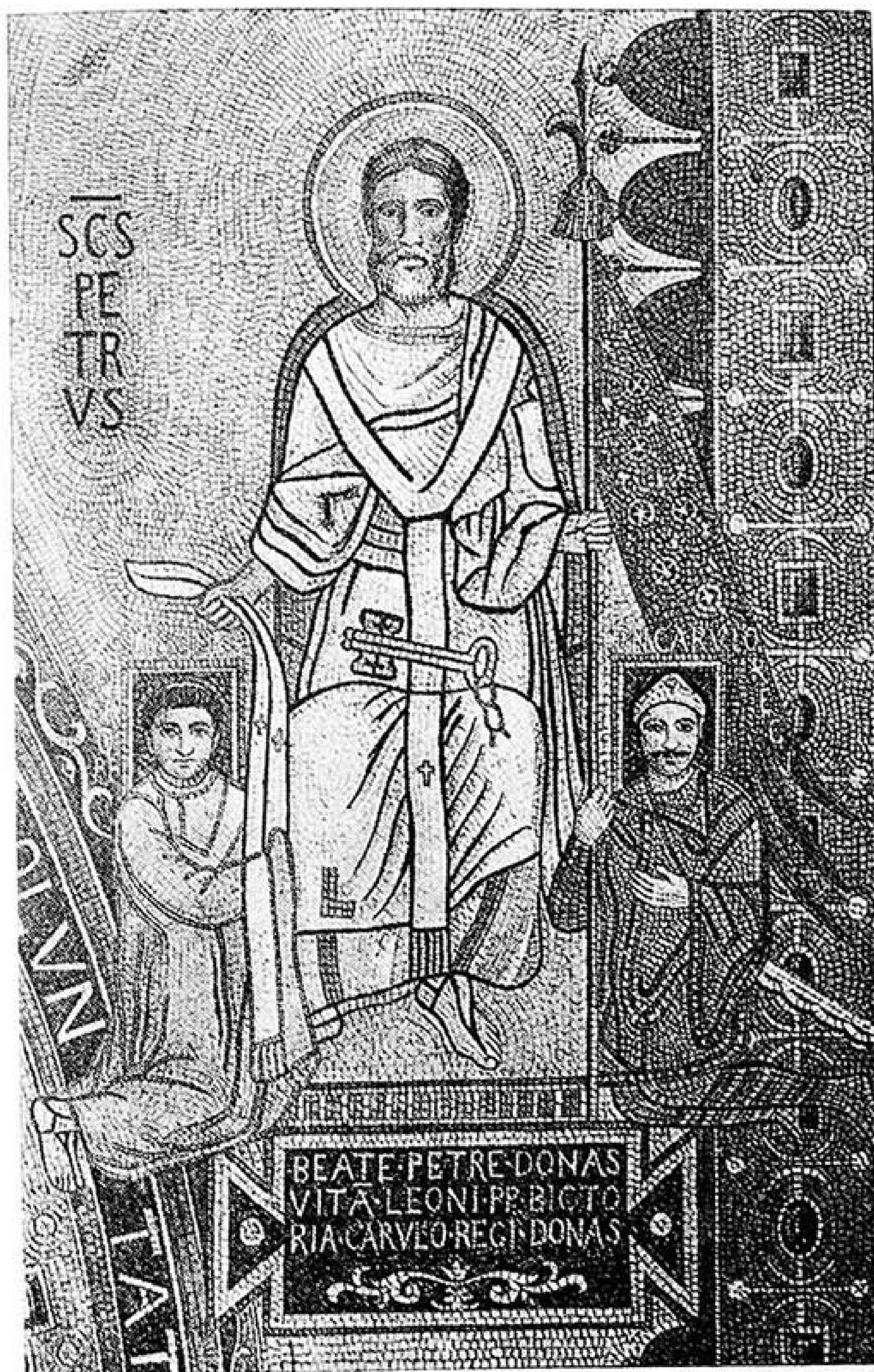


A investigação retomou seu curso e, finalmente, o papa foi declarado inocente. Carlos começou então os preparativos para a coroação do filho, que deveria acontecer numa grande cerimônia na Catedral de São Pedro no dia de Natal.

Na manhã do dia 25 de dezembro do ano 800, a enorme catedral encontrava-se abarrotada de pessoas oriundas dos quatro cantos do reino, que haviam ido a Roma especialmente para o evento. Com o rosto sereno, Carlos percorreu lentamente a nave da igreja, reconhecendo, à luz de centenas de velas, trajes romanos, bávaros, francos, lombardos, até mesmo anglo-saxões e gregos. Seus filhos estavam no primeiro banco. Numa rara concessão ao povo de Roma, Carlos vestira a longa túnica, o manto e as sandálias de um patrício romano. Chegando ao altar, ajoelhou-se em oração. Demorou para se levantar; ao fazê-lo, viu que duas coroas estavam sobre o altar. O papa tomou então a coroa maior e colocou-a sobre a cabeça grisalha do monarca. Na mesma hora um brado ecoou por toda a igreja e repetiu-se três vezes:

"Longa vida e vitória a Carlos Augusto, coroado por





Com mãos generosas, alma doce e fala suave, fazendo bem a todos e mal a ninguém, ela segue o caminho das artes liberais com dedicação.

TEODULFO DE ORLÉANS
cronista franco,
descrevendo Liutgarda,
a quinta esposa
de Carlos Magno

À esquerda: *Este mosaico da Basílica de São João de Latrão, em Roma, mostra São Pedro entregando a estola papal (símbolo do poder espiritual) a Leão III e a bandeira imperial (símbolo do poder temporal) a Carlos Magno. Sob os pés, a inscrição em latim: "Pedro santificado, dai longa vida ao papa Leão e vitória ao rei Carlos".*

Página ao lado, em cima: *Acompanhado por suas tropas, o rei passa por um vilarejo franco numa viagem de inspeção, no ano 800.*

Página ao lado, embaixo: *Segurando um documento que contém acusações contra o papa, Carlos recebe Leão III em Paderborn, em 799. Apesar de duvidar da integridade moral do pontífice, o rei sempre o apoiou como representante máximo da Igreja.*

Deus, poderoso imperador dos romanos e amante da paz!"

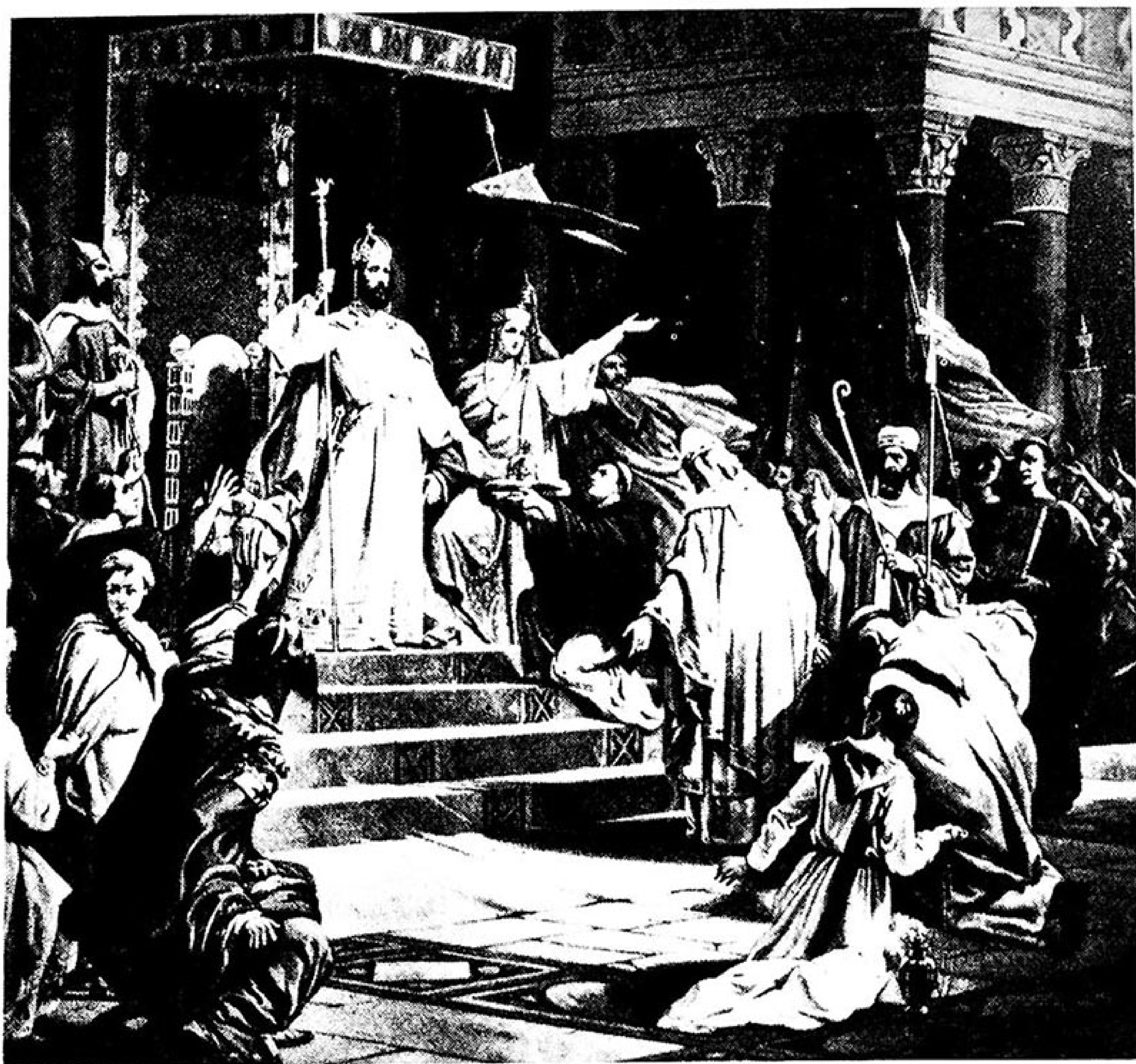
Era o renascimento de uma antiga tradição de acordo com a qual se sagrava o imperador de Roma. Desde o assassinato de Orestes em 476, mais de trezentos anos antes, isso não acontecia. Mas naquele momento Roma escolhia um novo imperador. Nascia, assim, o Sacro Império Romano.

Não se sabe até hoje se Carlos sabia que ia ser coroado. Ele se manteve em silêncio, imponente, enquanto Leão III coroava seu filho como rei dos francos. Eginar-

do, biógrafo de Carlos e um de seus amigos mais próximos, declara ter ouvido o imperador dizer que jamais entraria na Catedral de São Pedro naquele Natal se soubesse o que o papa pretendia.

Nunca saberemos se esse comentário foi sincero ou não. De qualquer forma, ele ilustra o caráter do novo imperador. Sabendo ou não que seria coroado, Carlos aceitou humildemente o papel que lhe foi designado, de forma quase relutante, como parte de seus deveres como monarca cristão. Era , sem dúvida, algo com que sonhava havia anos; agora, com a chancela do próprio papa, poderia se dedicar à construção de um verdadeiro reino de Deus na Terra.

Abaixo: *Carlos recebendo petições na sala do trono em Aqüisgrano. Um dos mais importantes cargos da corte era o de porteiro-chefe: ele decidia quem poderia — ou não — ser admitido à presença do monarca.*
Página ao lado: *Ajoelhado, o monarca recebe a coroa das mãos de Leão III no Natal de 800.*







8

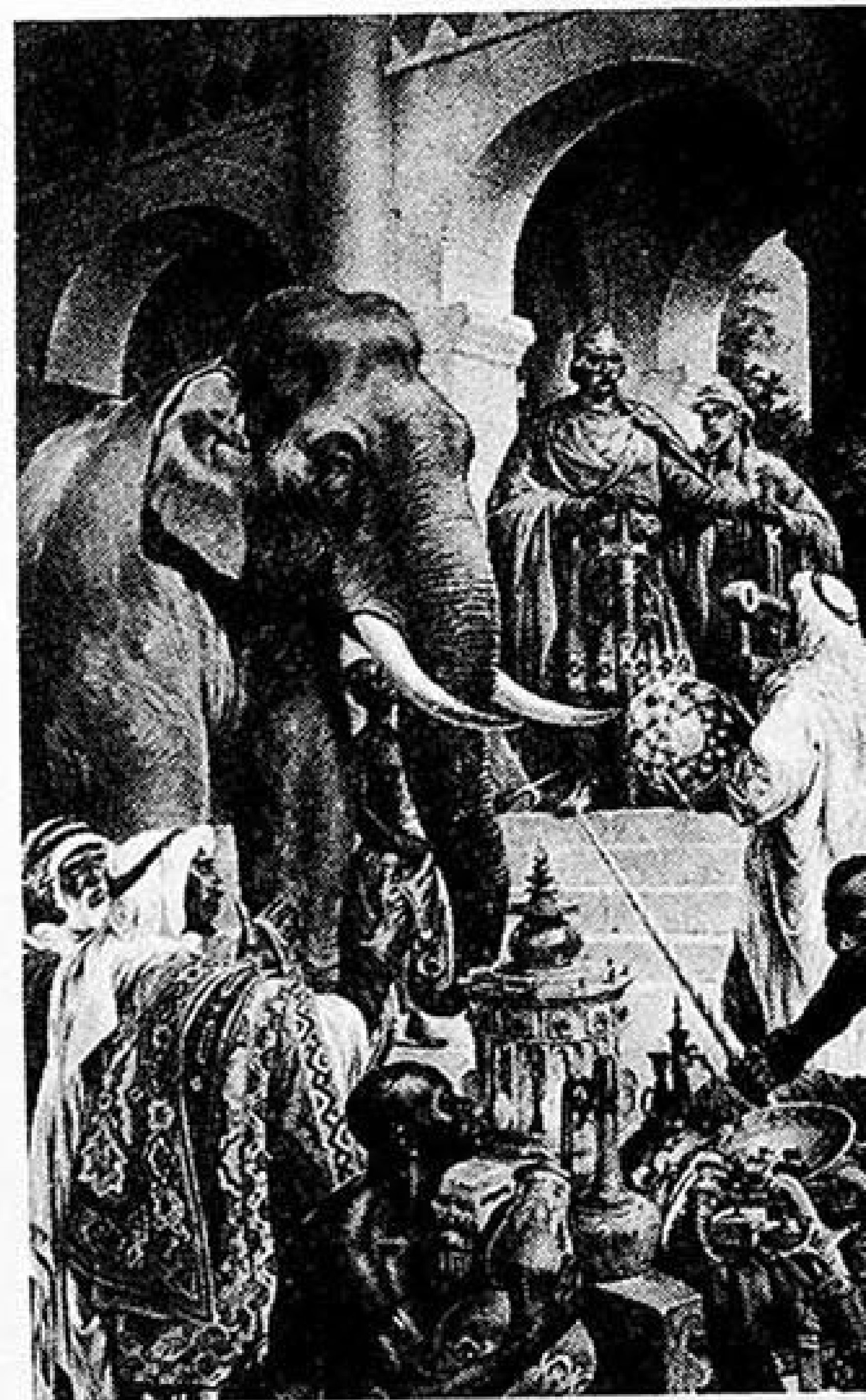
Morte do imperador, morte do império

Durante o seu reinado como imperador do Sacro Império Romano, Carlos Magno procurou combinar o que havia de melhor nas duas culturas: o esplendor do antigo Império Romano e a vida austera de um reino cristão. Uma tarefa grandiosa, que só ele conseguiria levar a cabo. Após a cerimônia de coroação, passou vários meses em Roma, preparando as bases do novo império. Dedicou-se de corpo e alma à tarefa, entusiasmando-se com os relatos que falavam dos antigos césares. Mas o novo imperador não pretendia imitá-los. Manteve seus hábitos simples e as vestes costumeiras e criticava os membros da corte que pareciam adotar os hábitos romanos sem uma pausa para reflexão. Assegurou aos francos que não mudaria a capital para Roma e, de fato, voltou para Aqüisgrano em 801.

O monarca encarava o seu novo papel como algo bem diferente daquele dos antigos romanos, pois via-se não apenas como imperador, mas como um imperador cristão. As moedas que mandou cunhar tinham seu perfil de um lado e, do outro, uma cruz e as palavras *Christiana Religio* (religião cristã).

Em que consistia ser um imperador cristão? Ainda como rei dos francos, Carlos Magno fora defensor da Igreja. Agora achava que suas responsabilidades abrangiam todos os cristãos. Mesmo reconhecendo a autoridade papal como suprema, passou a se considerar o chefe temporal da Igreja. Como tal, sua preocupação se estendia às regiões mais longínquas.

Desde a morte de Cristo, a Terra Santa se tornara um lugar com um significado especial para os cristãos, que para lá seguiam em peregrinação. Quando o imperador soube que haviam ocorrido ataques de muçulmanos aos mosteiros cristãos da Terra Santa, resolveu empreender uma campanha de amizade com os mouros para garantir a segurança dos mosteiros e dos peregrinos. Enviou então um grupo de embaixadores para Bagdá a fim de travar amizade com os muçulmanos. Seus esforços ren-



Acima: *Entre os presentes enviados a Carlos pelo califa de Bagdá, em 802, estava o elefante Abul Abbas, animal que os europeus desconheciam.*

À esquerda: *Esta escultura ornamenta um relicário do século XIII que contém alguns dos ossos de Carlos Magno. Após a exumação do corpo no ano 1000, os ossos foram separados e colocados em relicários.*

> ***As obrigações mútuas dos papas e da família carolíngia constituem um importante elo na história antiga e moderna, leiga e eclesiástica.***
>
> EDWARD GIBBON
> historiador inglês do século XVIII, em seu livro *Declínio e Queda do Império Romano*

deram frutos: Harun al-Rachid, califa de Bagdá, presenteou o imperador com sedas ricamente bordadas, uma tenda de vários andares e um elefante chamado Abul Abbas. A chegada do elefante a Aqüisgrano marcou um dia de festa, pois o povo franco desconhecia esse animal. O elefante passou a viver no palácio, onde divertia os membros da corte, balançando sua tromba. E o próprio imperador gostou tanto do animal que o tratava como a um amigo.

Durante o reinado de Carlos Magno, os cristãos tiveram um intervalo de paz na Terra Santa, região freqüentemente devastada por lutas. O imperador estava mais interessado em manter a paz do que em fazer novas conquistas. Dedicou-se intensamente à codificação e ao esclarecimento das leis dos diferentes povos sobre os quais reinava, para que tais leis pudessem ser interpretadas com mais facilidade.

Só numa ocasião a antiga dureza do imperador voltou a se manifestar, quando os saxões se rebelaram novamente, em 804. As crônicas saxônias das primeiras décadas do século IX estão repletas de histórias de homens que perderam seus bens, de mulheres e crianças separadas à força dos maridos e dos pais, de gente lutando para sobreviver numa terra estranha e hostil. O último ataque dos saxões despertou a ira adormecida do rei, que decidiu resolver a situação de uma vez por todas e ordenou que aquele povo fosse dividido. Muitos foram retirados da sua terra natal e transportados para pontos distantes do reino franco. O sofrimento que esse gesto provocou para milhares de pessoas foi intenso, mas foi o último golpe implacável de Carlos Magno.

As outras lutas que ocorreram após a coroação do imperador foram, na maioria, lutas de fronteira, cuja finalidade principal era a defesa e proteção do reino. Os principais inimigos de Carlos Magno nessa época eram os bizantinos. Há séculos seus imperadores, que descendiam dos antigos césares romanos, ocupavam o trono de Constantinopla. Desde o fim do Império Romano do Ocidente, em 476, os imperadores de Bizâncio se consideravam os legítimos herdeiros da coroa romana.

Os bizantinos controlavam grande parte do sul da Itália e já estavam descontentes com o domínio de Carlos Magno sobre as terras italianas, que consideravam suas. Agora o audacioso rei tivera a temeridade de se intitular imperador dos romanos! Era preciso fazer algo para diminuir sua influência.

O ano de 805 marcou o início de uma longa luta pelo controle de Veneza, cidade tradicionalmente fiel aos bizantinos. Para manter um relacionamento amistoso com Bizâncio, Carlos Magno acabou cedendo Veneza ao im-



perador do Oriente. Enquanto isso, dois novos inimigos apareceram em cena. O primeiro grupo consistia em piratas árabes do norte da África que freqüentemente atacavam as terras próximas do Mediterrâneo. O segundo grupo de inimigos, mais perigosos, eram os "homens do norte" ou normandos, que vinham da Dinamarca. Estes eram conhecidos pelos seus excelentes navios, que haviam começado a usar recentemente para assaltar os vilarejos da costa setentrional do reino franco.

O imperador estava especialmente alarmado com esses ataques. Os normandos eram os mais ferozes lutadores que ele encontrara, e a maioria de seus ataques

Embaixadores de Harun al-Rachid transmitem saudações a Carlos Magno, em 802. O rei franco procurou cativar o califa para que este o ajudasse a proteger os cristãos da Terra Santa. Os esforços de Carlos foram recompensados: o líder muçulmano atendeu prontamente ao pedido do amigo.

> *O povo franco nunca empreendera uma guerra tão prolongada, cheia de atrocidades ou que precisasse de tanto esforço.*
>
> EGINARDO
> acerca dos muitos conflitos entre francos e saxões

era feita pelo mar, ponto fraco dos francos, guerreiros de terra firme. Sempre ardiloso, Carlos Magno imediatamente começou a montar uma marinha. Nos últimos anos do seu reinado, a paz voltaria ao norte. Mas a trégua seria curta, pois se devia mais à morte do rei dos normandos, Godofredo, do que à força dos francos. Os limites do poder de Carlos Magno começavam a aparecer.

No ano de 810, as más notícias se multiplicaram: primeiro, morreu Gisla, uma irmã que Carlos amava muito; depois, foi a vez do elefante Abul Abbas, o inseparável companheiro do imperador; a seguir, o Império Franco foi assolado por uma peste que atacou o gado; e, para terminar, faleceram a filha favorita de Carlos, Hrodrud, e o filho Pepino. Esta série de mortes fez com que o imperador mergulhasse num período de profunda depressão. Apesar de ter gozado de excelente saúde durante toda a sua vida , agora começava a fraquejar, já não dormia nem comia como antes. Sempre fora um exímio cavaleiro, mas um dia levou um tombo do cavalo: o fato inédito fez com que seus amigos ficassem preocupados.

A idéia da morte não era estranha ao imperador. Já há alguns anos, preparava seus filhos para receberem a coroa. Pelo costume franco, a divisão da herança era feita em partes iguais para todos os filhos, o que freqüentemente provocava amargas rivalidades entre os irmãos. Muitas pessoas inocentes acabavam envolvidas na disputa, especialmente quando os herdeiros eram irmãos e reis. Carlos Magno procurou evitar que isso acontecesse, pois rixas entre os seus filhos acabariam com a paz pela qual tanto lutara. No documento que tratava dos termos da divisão do império, insistia que os três reinos deveriam cooperar uns com os outros.

Agora, o pensamento do imperador se voltava para o espiritual. Pouco se interessava pelos assuntos de Estado. Apesar de sua brandura dos últimos dez anos, a lembrança das crueldades que praticara no passado o perseguia. Sentia uma enorme necessidade de se redimir e chegou a pensar em se tornar monge.

Carlos Magno fez um testamento deixando instruções detalhadas de como deveria ser feita a partilha dos seus bens. A finalidade principal era assegurar que a maior parte do seu imenso tesouro (onze-doze avos) fosse doada à Igreja. Passou a dedicar a energia que lhe restava à composição de longos sermões, nos quais exortava seu povo à humildade e também à obediência das leis da Igreja.

O golpe final veio em 811. Carlos, seu filho mais velho, morreu misteriosamente. Era o terceiro filho que perdia em pouco mais de um ano; além disso, era o seu

preferido, um jovem de quem se dizia ter herdado as qualidades extraordinárias do pai.

Agora só existia um filho a quem Carlos poderia passar o grande império que construíra. Dentre todos os seus filhos, Luís era o que menos parecia ter o caráter e a coragem que caracterizavam a família imperial. As deficiências de Luís eram tão sérias que os membros da corte achavam que as leis de sucessão deveriam ser desconsideradas e a coroa entregue a um dos netos do imperador. Mas Carlos, profundamente conservador, insistia em seguir a tradição. Embora duvidasse da competência do filho, acreditava que Deus deveria ter algum bom motivo para fazer de Luís o imperador. E via como uma obrigação empregar o tempo e a energia que ainda



Traje e sandália usados por Carlos Magno. Embora ostentasse vestimentas magníficas nas grandes cerimônias, o rei preferia roupas simples e um estilo de vida despojado.

Carlos sabia que um reino é como um corpo humano, que é atacado ora por um, ora por outro problema, se não for cuidado com vigor e bons conselhos, da mesma forma que os médicos mantêm um corpo saudável.

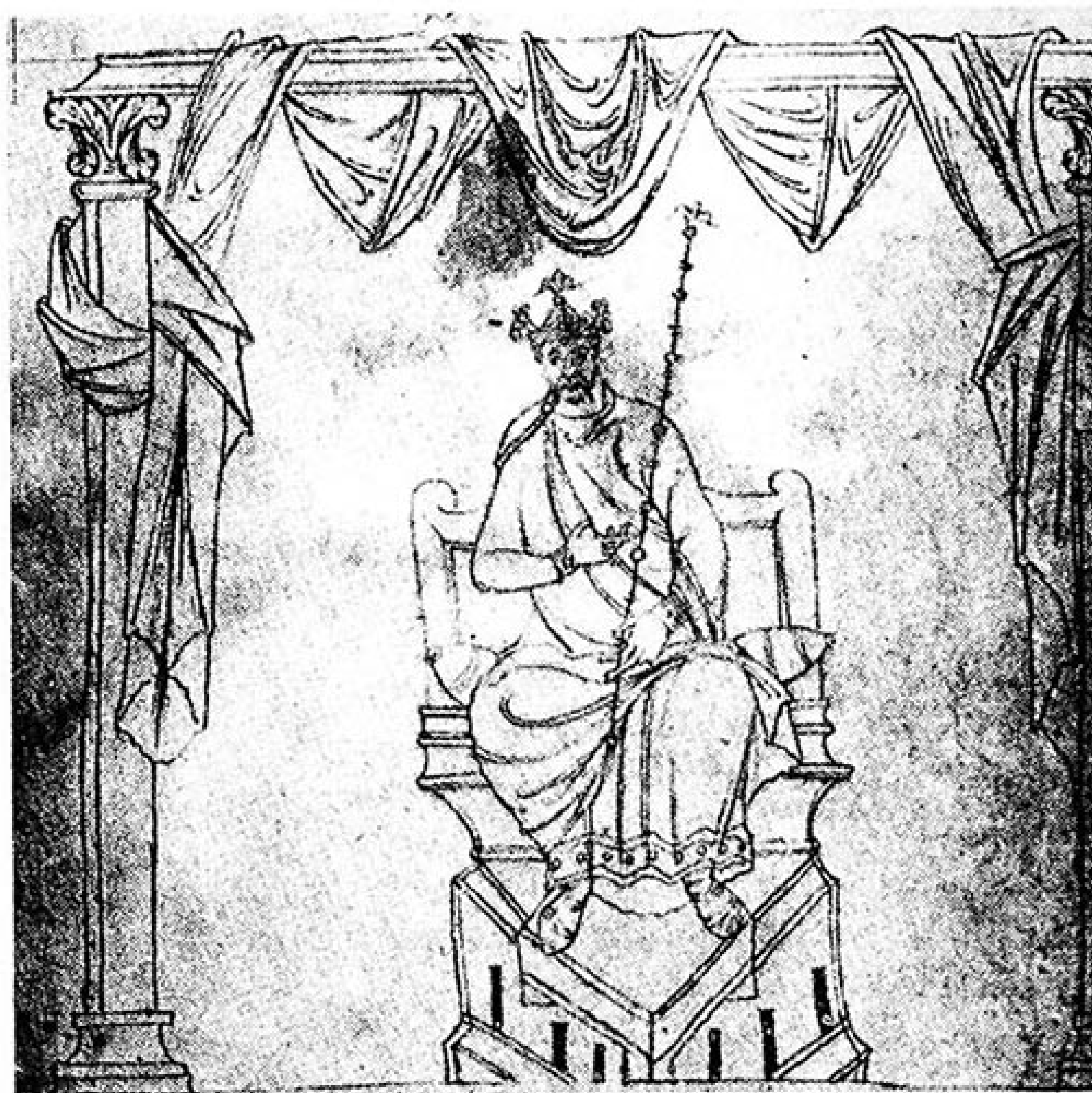
Biógrafo anônimo de Luís, o Pio

lhe restavam para preparar o filho, instável e indócil, para as grandes responsabilidades que o aguardavam.

No verão de 813, chamou Luís a Aqüisgrano, onde este passou vários meses. Os conselhos que ouvira do pai no passado pareciam não ter dado frutos; como rei da Aqüitânia, precisara da presença constante de conselheiros. Mas Carlos Magno se esforçou em partilhar com o filho sua imensa sabedoria e experiência de governar terras e homens.

Em setembro daquele ano, oficializou-se a sucessão. Religiosos e membros da corte lotavam a catedral de Aqüisgrano para o que pressentiam ser um dos últimos atos públicos do imperador. A multidão, sentada em silêncio respeitoso, via emocionada a altiva figura, agora curvada pelos anos, que se aproximava lentamente do altar, apoiada no filho. Depois de ajoelhar-se e rezar, o imperador ergueu-se e olhou de frente para o povo.

As palavras que proferiu eram destinadas a Luís, mas a mensagem que transmitiam se perpetuou através dos tempos. Carlos Magno exortou o filho a amar e temer a Deus, a defender a Igreja, a ser bondoso com toda a família e a tratar o povo como a um filho. O discurso mais parecia um resumo de sua própria vida e dos ideais que sempre o inspiraram. A seguir, tomou a coroa de ou-



Este desenho representando Carlos Magno foi feito por um artista do século X, que lhe deu ar oriental e compridos bigodes. Aparentemente, o copista se esqueceu de incluir o globo na mão direita do rei.



ro pousada sobre o altar e colocou-a na cabeça do filho. Agora não havia mais a necessidade de um papa para a coroação: a autoridade de Carlos Magno, rei dos francos e dos lombardos, imperador dos romanos e líder de toda a cristandade, era suficiente.

A coroação de Luís foi o momento culminante da vida do imperador, o ápice de um reinado que durara 45 anos. Raras vezes um homem tivera tanto poder, seja espiritual ou temporal, ou conseguira realizar tantos feitos. Meses mais tarde, ao voltar de uma caçada nas florestas de Aqüisgrano, Carlos Magno sentiu-se febril e indisposto. Em fevereiro de 814 estava morto, aos 71 anos de idade.

A morte do imperador foi lamentada por toda a Europa. Logo começaram a correr histórias a seu respeito, mostrando-o como um santo, e sua figura se tornou um símbolo de inspiração para aqueles que buscavam grandiosidade em seu desempenho. O destino do império, porém, não foi tão glorioso quanto o do homem que o construíra. A estrutura criada por Carlos Magno era inseparável do seu criador, um homem único e insubstituível. E, com a morte do grande monarca, toda a estrutura ruiu. Só alguém com a sua imensa energia e força de caráter poderia manter o império intacto. E este alguém

Navios normandos preparam-se para atacar um vilarejo na costa franca. A mobilidade da frota permitia que os vikings aportassem, saqueassem e partissem antes que as forças locais pudessem reagir.





À esquerda: *Brasão de Carlos Magno, no qual se destacam a águia romana, símbolo do poder imperial, e a flor-de-lis do Reino dos Francos, que seria o símbolo do Estado francês até a revolução de 1789.*
Página ao lado: *Carlos, cansado e deprimido, contempla uma frota de navios normandos com dragões entalhados na proa. Em terra, os francos perderam poucas batalhas, mas no mar eram ainda pouco treinados, e costumavam sofrer derrotas nas mãos dos temíveis homens do norte.*

não era Luís, que se mostrou incapaz de substituir o pai. O mesmo ocorreu com os netos do imperador. Em duas gerações, o que Carlos temia aconteceu: o império se partiu, dividido por ferozes disputas entre seus descendentes e a nobreza. Enfraquecidos, os francos foram dominados pelos normandos e voltaram a um período tão tenebroso quanto o que haviam conhecido um século antes. O verdadeiro florescimento da Europa medieval ainda demoraria a ocorrer: só algumas centenas de anos depois se desenvolveriam os novos sistemas de comércio e comunicação que acabaram por se espalhar pelo continente.

Carlos Magno reinou durante uma época que, devido à decadência acentuada na educação, nas artes e na ciência, ficou conhecida na História como Idade das Trevas. Mas, naquela longa noite de barbarismo, seu reinado fulgurou como uma tocha incandescente, iluminando a escuridão. O incentivo à difusão do conhecimento, da ciência e da literatura, os esforços para tornar a Igreja um centro de unidade e cultura, a consolidação das leis e dos hábitos das diferentes culturas existentes no seu império, tudo isso deixou uma marca indelével nas gerações que o sucederam. O sonho de Carlos Magno de fazer da Europa um império cristão, unificado sob o domínio de um monarca esclarecido, desapareceu com ele. Mas o seu nome permanecerá na História para sempre.





[Carlos Magno] nunca se retirou de algo que houvesse iniciado e sempre procurou terminar o que começara, simplesmente por causa do esforço envolvido.

EDWARD GIBBON

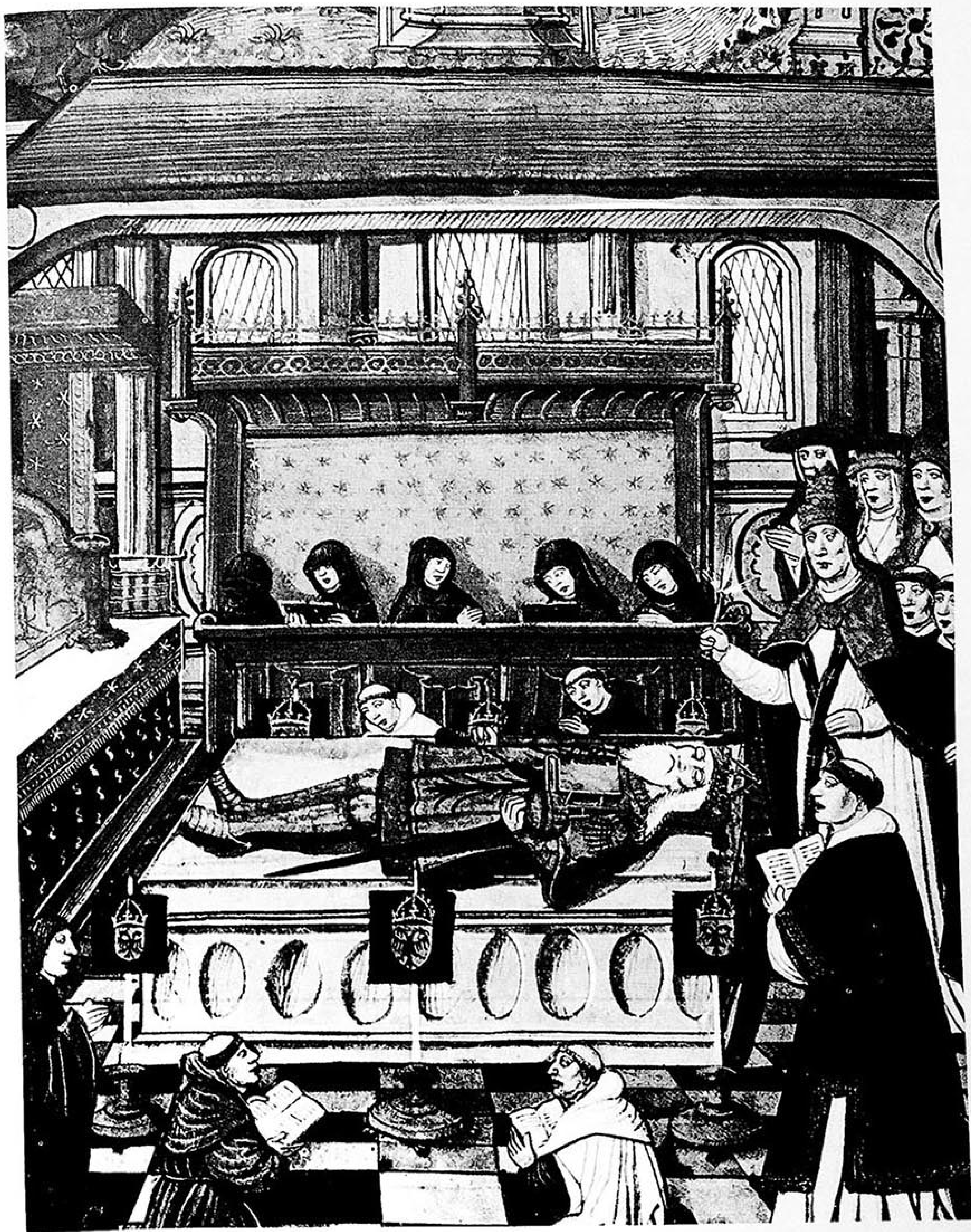
Cercado por monges, o rei recebe os últimos sacramentos. Acometido de pleurisia, Carlos Magno morreu em fevereiro de 814, aos 71 anos de idade. De acordo com seu biógrafo, suas últimas palavras foram: "Em Vossas mãos, Senhor, entrego minha alma".

> *Carlos foi o maior e o mais ilustre homem (que já houve).*
>
> EGINARDO





À direita: *Luís ficou conhecido como "o Pio", por sua profunda religiosidade e respeito pelos papas. Esta gravura da época ilustra um poema escrito em sua homenagem; as palavras podem ser lidas vertical ou horizontalmente.*
Acima: *Neste retrato, Luís (à esquerda) aparece usando coroa igual à de Carlos. O pai procurou treiná-lo para ser um bom rei, mas Luís era fraco, impulsivo e não conseguia tomar decisões.*
Página ao lado: *Funerais de Carlos Magno.*



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS

A expressão "grande" tem sido usada com freqüência e, às vezes, merecidamente, mas Carlos Magno é o único príncipe que mereceu essa expressão ligada indissoluvelmente ao seu nome.

EDWARD GIBBON



Os filhos de Luís, o Pio — Lotário, Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo —, assinaram a Paz de Verdun em 843. Este pacto dividiu o Sacro Império Romano em três partes e contribuiu para a sua desintegração. Guerras constantes entre os descendentes de Carlos Magno tornaram o reino vulnerável a invasões, especialmente às dos normandos.



Cronologia

742 — Nasce Carlos Magno.
751 — Pepino, pai de Carlos, é coroado rei dos francos por ordem do papa Zacarias.
768 — **24 de setembro:** Morre Pepino, o Breve.
9 de outubro: Carlos e seu irmão Carlomano passam a governar o reino franco como co-regentes.
769 — Domina a revolta na Aqüitânia.
771 — Carlomano morre e Carlos torna-se rei dos francos.
772 — Carlos inicia sua primeira campanha contra os saxões.
773 — **abril:** Encontra-se com o papa Adriano I, em Roma.
774 — Vence Desidério, da Lombardia, e proclama-se rei dos Lombardos.
775/76 — Campanha contra os saxões.
777 — Conselho anual em Paderborn; o rei supervisiona o primeiro batismo em massa dos saxões.
778 — **15 de agosto:** As forças francas, a caminho da Espanha, sofrem uma emboscada e são derrotadas por guerrilhas bascas em Roncesvalles.
782 — O monge inglês Alcuíno chega ao país franco.
Carlos manda executar 4 500 saxões em Verden como represália pela derrota sofrida pelos francos no monte Suntel.
785 — Negocia a paz com os saxões.
788 — Anexação da Baviera.
791 — Carlos passa a usar o Palácio de Aqüisgrano como residência principal.
794 — Conselho e Assembléia Geral em Frankfurt.
800 — **25 de dezembro:** Carlos é coroado imperador em Roma pelo papa Leão III.
806 — Publicação do *Diviso Regni*, documento que explica como será a divisão do império entre os três herdeiros, após a morte do rei.
813 — Carlos coroa o filho, Luís, o Pio, como imperador.
814 — **fevereiro:** Carlos Magno morre em Aqüisgrano, aos 71 anos de idade.

CARLOS MAGNO

É meu dever, com a ajuda de Deus, defender à mão armada a santa Igreja de Cristo contra as incursões de pagãos e as devastações dos infiéis. — CARLOS MAGNO

Carlos Magno decidiu lutar contra os traiçoeiros saxões, que haviam quebrado a sua palavra, até que estes fossem totalmente conquistados e convertidos à religião cristã, ou, então, aniquilados. — Dos Anais Francos

A expressão "grande" tem sido usada com freqüência e, às vezes, merecidamente, mas Carlos Magno é o único príncipe que mereceu essa expressão ligada indissoluvelmente ao seu nome. — EDWARD GIBBON

"Carlos, Sereníssimo Augusto, coroado por Deus, grande e pacífico imperador, governante do Império Romano e, pela graça de Deus, rei dos lombardos e dos francos", recebeu a coroa das mãos do papa Leão III no dia de Natal de 800. Ele era o senhor de um império que atingia dimensões continentais. Seus domínios se abriam como um leque em direção ao Oriente, alcançando as terras dos ávaros. Os limites ocidentais atingiam a marca da Bretanha, no extremo oeste, e a marca da Espanha, a sudoeste. Para manter a unidade de tão vasto território, só mesmo a audácia de um homem hábil, forte e empreendedor. Virtudes que seu sucessor, Luís, o Pio, seu filho, não possuía.

Se o império carolíngio foi um fato real, já a história de Carlos Magno é entremeada de proezas contadas com pormenores tão fantásticos que se torna difícil discernir o que é lenda e o que é fato. Mesmo durante sua vida, as canções de gesta e os romances de cavalaria celebram-no como restaurador do Império Romano, unificador dos povos, reformador jurídico, estabilizador das finanças, benfeitor das artes, evangelizador dos pagãos, herói cristão a serviço do poder civil, herói militar a serviço da religião. O império que Carlos Magno construiu, enquanto domínio territorial, foi efêmero; perdurou, graças ao talento político de seu criador, apenas enquanto ele viveu. Já os efeitos de sua existência influíram decisivamente na história do Ocidente.

Susan Banfield é formada pelo Yale College e pelo Teachers College, da Universidade de Columbia. Professora nas áreas de Ciências Sociais e Literatura Inglesa, escreveu vários livros sobre História.